

J. CARLOS

1 0 0 A N O S



ARQUIVO SOLAR GRANDJEAN DE MONTIGNY
CENTRO CULTURAL PUC — RJ.

Ministra da Educação e Cultura
Esther de Figueiredo Ferraz

Secretário da Cultura
Marcos Vinícios Vilaça

Fundação Nacional de Arte
Diretora-executiva
Maria Edméa Saldanha de Arruda Falcão

Diretor do Instituto Nacional de Artes Plásticas
Paulo Estellita Herkenhoff Filho

Diretora do Solar Grandjean de Montigny — PUC/RJ
Irma Arestizábal

capa *Portrait-charge* de Berta Singerman (foto 1)

4.ª capa *Boato* (foto 46)

PARA TODOS... 1

J. CARLOS
1 0 0 A N O S

Texto: IRMA ARESTIZÁBAL

1984

FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas
PUC/RJ Solar Grandjean de Montigny

Coordenação da pesquisa e curadoria da exposição
Irma Arestizábal

Pesquisa do projeto gráfico de J. Carlos
Maria Gertrudes Oswald

Pesquisa iconográfica: 1902-1920
Piedade Epstein Grinberg

Levantamento de jornais e revistas para a cronologia
Andre D'Orsi Alves

Pesquisa histórica, seleção e catalogação de obras
Maria Cecília Miranda

Montagem da exposição

Funarte
Luiz Alberto Zúñiga

Solar Grandjean de Montigny-PUC
Maria Gertrudes Oswald (coordenação)
Maria Cecília Miranda

Linha de apoio edições do INAP
Fernando Cocchiarale

Linha de apoio exposições do INAP
Ligia Canongia

Edição de Texto
Anamaria Skinner

Programação Visual
Martha Costa Ribeiro

Edição e produção gráfica
Departamento de Editoração da Funarte

Esta e as demais edições Funarte
podem ser adquiridas pelo
REEMBOLSO POSTAL Funarte
Rua Araújo Porto Alegre 80 LOJA
20030 Rio de Janeiro RJ

Copyright © FUNARTE 1984

FUNARTE. Instituto Nacional de Artes Plásticas.
J. Carlos: cem anos/ Texto de Irma Arestizábal. —
Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional de Artes
Plásticas; PUC/Solar Grandjean de Montigny, 1984.
80 p. il. (Coleção Para Todos...: n.º 1).

1. Caricatura. 2. J. Carlos — Biografia. I. Título.
II. Série.

CDU 741.5

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Documentação
da Fundação Nacional de Arte.

Este livro acompanha a exposição comemorativa dos 100 anos de nascimento de J. Carlos, realizada no Rio de Janeiro em junho-agosto de 1984, pelo Instituto Nacional de Artes Plásticas da FUNARTE e o Solar Grandjean de Montigny da PUC RJ.



741.5981

AG81

m 2

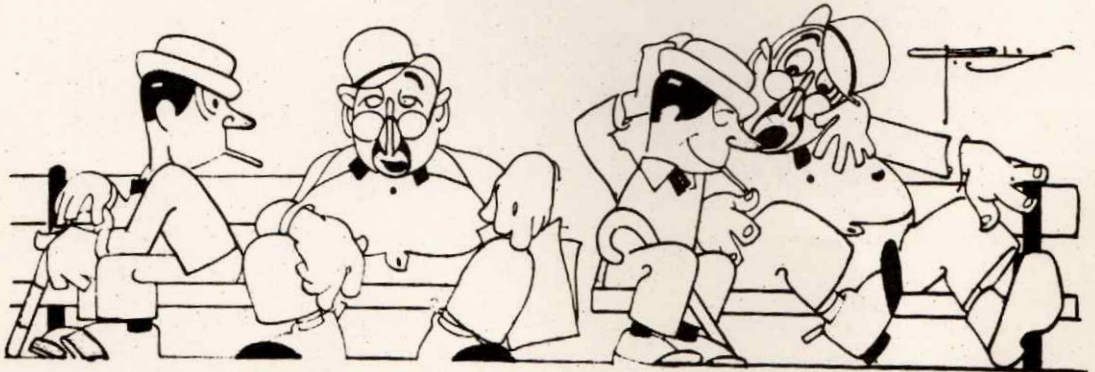
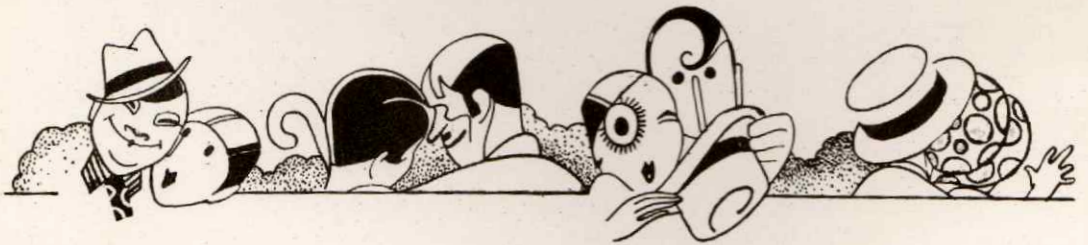
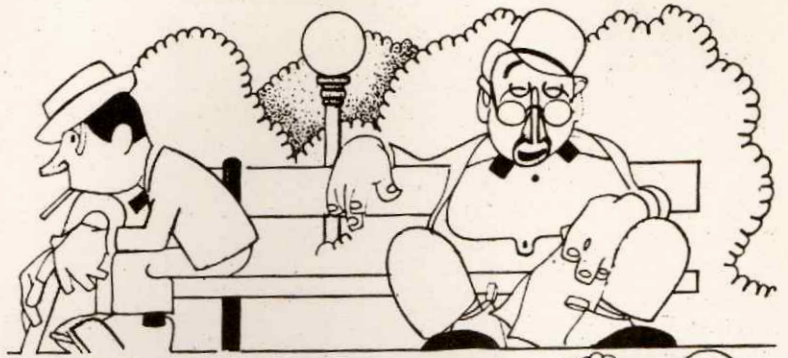
SGM

SUMÁRIO

J. CARLOS	9
PERSONAGENS	12
GUERRA	17
A VIDA NA CIDADE	19
ART-DECO	31
MULHER	35
PROJETO GRÁFICO E TIPOGRAFIA	41
VIDA E OBRA	47
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	69
BIBLIOGRAFIA	71

"Na vida, como na vida profissional, a liberdade é o objetivo principal."

J. Carlos



J. CARLOS

Através do traço ágil e limpo de J. Carlos compreendemos a vida, o gosto, a política, as idéias e desejos, os defeitos e virtudes de quarenta anos da vida carioca e, ao mesmo tempo, de nosso momento atual.

J. Carlos começou a trabalhar na imprensa, no início do século, no momento em que as técnicas de impressão se modernizavam com a aparição da zincogravura⁽¹⁾ que suplantava a litografia e daria lugar, depois, à fotogravura e aos primeiros linotipos e máquinas de impressão a cores.

Seus originais de poucas linhas eram realizados a lápis, num primeiro traço quase definitivo; usava muito pouco a borracha; o acabamento era a bico de pena e nanquim, raramente pincel, às vezes guache para engrossar o traço. Após 1930, quando seu desenho e suas personagens se fazem mais elegantes e estilizados, utiliza aquarela; às vezes uma terminação similar a aerógrafo com uma peneira.

“No decorrer da sua produção, J. Carlos modifica muito o seu desenho. No início seu traço é ainda vacilante com formas pesadas e contornos imprecisos, mas já demonstra uma característica que vai se tornar uma constante no decorrer de toda a sua obra: a preocupação com a nitidez do seu desenho. Mesmo nas deformações usuais da caricatura, J. Carlos encontra soluções simples, que com o tempo vão se aprimorando, até chegar ao desenho elaborado.”⁽²⁾

Após 1920 a linha flui contínua, criando um desenho sucinto. Também o fundo sofre um processo de simplificação; primeiro cheio, apresenta depois objetos e personagens flutuando sobre grandes espaços, finalmente é resolvido com secas diagonais formadas por ruas, prédios ou personagens, para acabar com grandes planos verticais.

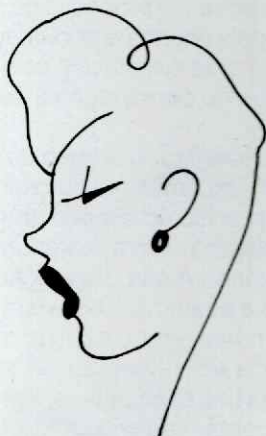
“J. Carlos sabia valorizar o branco do papel (o fundo), com poucas linhas definindo um ambiente ou criando uma situação. Tinha um sentido muito preciso do espaço gráfico, criando planos e cortes à maneira do cinema, e era extremamente econômico no uso dos recursos que tinha à sua disposição, inclusive a cor [...], preferia ser despojado e enxuto.”⁽³⁾ Usava muito duas cores alternadas sobre o fundo branco, verde e cinza, rosa e cinza, vermelho e preto, com freqüência utilizava grandes superfícies chapadas. Seus desenhos de linha fina e inquieta, ora estilizam, ora abstraem de acordo com o que contam ou criticam. J. Carlos escrevia as legendas de seus desenhos, e todas as indicações para a gráfica, com letra muito cuidada e bonita, o que traduz o cuidado e exigência que ele tinha para com o seu trabalho.

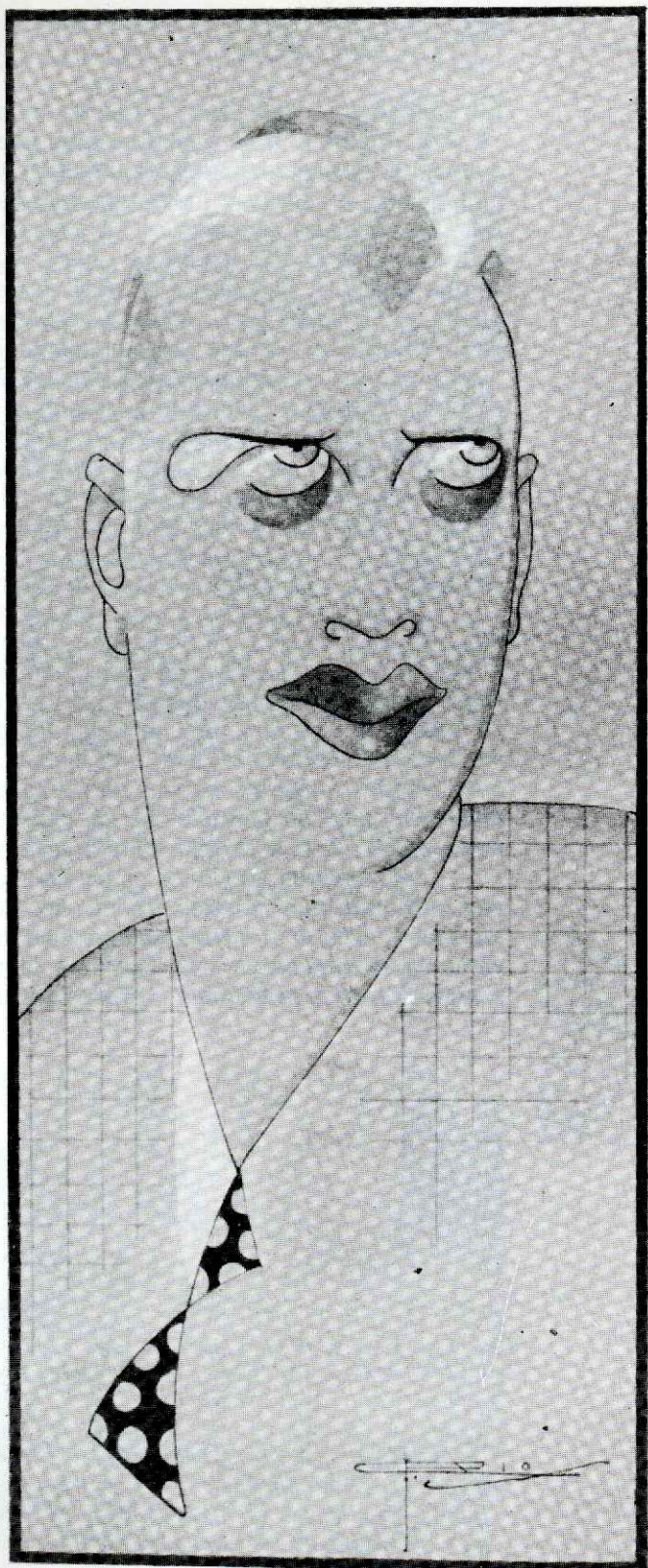
Existe total correspondência entre a forma e o conteúdo temático do discurso. “Minhas *charges* dizem o que sinto e o que penso. Desenho o que quero desenhar, ou por outra, o que posso desenhar. Uma prova disso é que as legendas de meus desenhos são também minhas. Criticando e ironizando os inimigos da liberdade, creio que estou andando bem.”⁽⁴⁾

“A quantidade de desenhos que eu tenho feito daria para forrar a Avenida Rio Branco.”⁽⁵⁾

Dentre os quase cem mil desenhos que J. Carlos produziu, escolhemos na coleção da família, que abrange de 1922 a 1945, aqueles que julgamos mais representativos no contexto da história da arte do Brasil. A leitura da exposição, realizada nas Galerias Sérgio Milliet, Espaço Alternativo e Rodrigo Mello Franco, da Funarte, e no Solar Grandjean de Montigny, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pode ser feita através dos temas tratados e personagens criados, de forma cronológica, ou realizando uma análise estilística que nos permite sentir perfeitamente o desenvolver da *Art-déco* no Rio de Janeiro (ou das três formas simultaneamente).

É interessante constatar como a *Art-déco*, última tentativa de estilo total,⁽⁶⁾ que se manifestou tanto nos salões de cabeleireiros, como nos cinemas e hotéis, nas bolsas e sapatos, nos vidros, abajures e na moda —, foi magnificamente traduzida por este artista de múltiplas facetas. J. Carlos desenhava, fazia escultura, letra para canções e peças de teatro, programação visual, propaganda,⁽⁷⁾ cartaz comercial, desenho humorístico, caricatura de costumes, *portrait-charge* histórico e ilustrações de textos. Através de todas essas formas de expressão, muitas vezes reproduzidas em revistas e jornais, por ele ilustrados, J. Carlos nos oferece uma crônica do Rio de Janeiro visto e revisto em profundidade, em desenhos inteiramente ligados às diferentes características das várias épocas. A sua criatividade alimenta-se do cotidiano e o transforma. É justamente por tratar uma cidade tão especial quanto o Rio de Janeiro, com tanta particularidade, que J. Carlos consegue atingir o nível de universalidade.



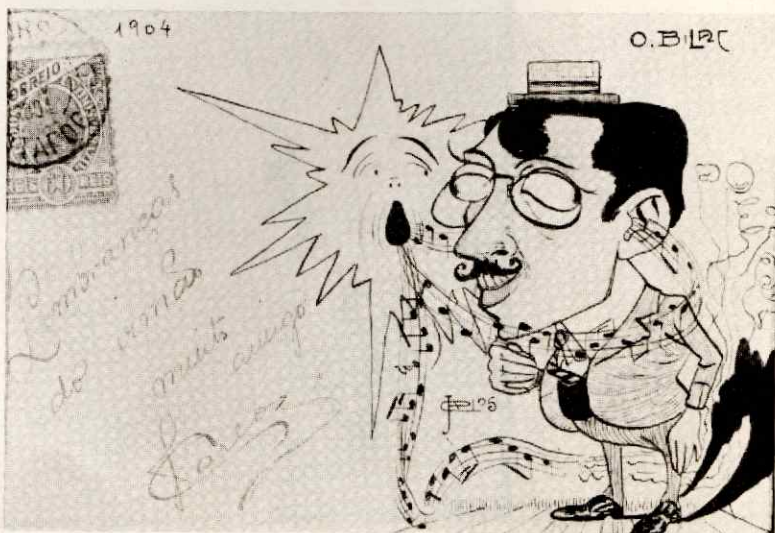


PERSONAGENS

Em entrevista à *Diretrizes* de 25 de junho de 1942, J. Carlos dizia: "A arte em nosso país é inteiramente desprotegida. No Brasil quando um caricaturista focaliza uma personalidade de destaque na política, nas letras, o mais que pode receber são ameaças." Não obstante essa apreciação, J. Carlos começou a sua carreira com a *charge* política, legenda e desenho ajustando-se perfeitamente. Alistado junto aos que, com Rui Barbosa, criticavam a campanha de Oswaldo Cruz, tornou o sanitarista o alvo principal de uma série de *charges* que apareceram no *Tagarela*. Rui Barbosa, desenhado por J. Carlos como Cirano de Bergerac, foi personagem de *charges* e historinhas. Algumas com o Barão do Rio Branco, outras em relação à campanha civilista e à luta presidencial com Epitácio Pessoa. Junto a personalidades como Tagore, Olavo Bilac, Santos Dumont, D'Anunzio, Vital Brasil, Júlio Roca, Gandhi, Carlitos, Berta Singerman e o Príncipe de Gales, passou a fazer parte do Almanaque das Glórias que Leal de Souza, sob o pseudônimo de Vol-Taire, escrevia na primeira página da *Careta*.

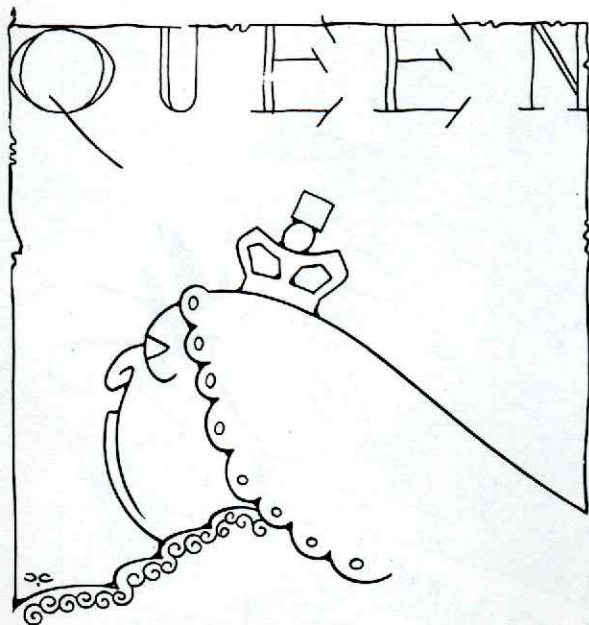
"Esses personagens eram apresentados, nos primeiros anos, em *portraits-charges*, feitos com traços precisos e contornos fortes, delimitando as áreas de cor e destacando a figura do fundo. Num segundo momento, ganham corpos desproporcionais onde se acentuam os elementos satíricos; acompanhados por frases irônicas e contundentes. Essa ironia é uma constante nas *charges* que ilustram várias revistas das primeiras décadas deste século, revelando sutilezas da vida brasileira, especialmente do Rio de Janeiro, berço e capital da caricatura brasileira."⁽⁸⁾

J. Carlos retratou todos os presidentes e os que os rodeavam, ou competiam com eles. Dentre eles, Rodrigues Alves, Affonso Penna, visto com muita desconfiança depois do êxito do governo de seu antecessor, Nilo Peçanha, famoso pelo seu 'jogo de cintura', forneceu farto material, já que, segundo a gíria da época,



era um 'fiteiro', ou seja, tinha tendência a fingir e sofismar ('fazer fita' referindo-se à ficção do cinema). O Marechal Hermes da Fonseca foi também seu alvo, sobretudo durante o seu namoro com Nair de Teffé (que na vida profissional era a caricaturista Rian). A seguir Wenceslau Braz, Delfim Moreira, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luiz,⁽⁹⁾ para culminar com Getúlio e depois Dutra. J. Carlos não só retratava os homens, mas todos os acontecimentos que viviam; a politicagem, a excitação de candidatar-se, o temor da sucessão, a ambição do poder. A burla da Constituição, a dívida externa, enfim, acontecimentos seus contemporâneos, mas que, hoje, há meio século de distância, mudando alguns nomes, são totalmente atuais.

Getúlio, baixinho e redondo, fumante de charuto, de personalidade carismática que arrastava seus correligionários gaúchos, era um alimento perfeito para a voracidade de J. Carlos. Mas, com a implantação do Estado Novo, cerceando a liberdade da imprensa com a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), a caricatura, incapaz de sobreviver a um regime de exceção, teve o seu *coup de grâce*, ficando somente a "caricatura da Caricatura" (Nelson Werneck Sodré). Pela Constituição de 1937, todo cidadão tinha o direito a manifestar seu pensamento livremente, desde que dentro das condições e limites permitidos pela lei; previa-se a censura à imprensa, ao teatro, ao cinema e ao rádio, podendo a autoridade competente tirar de circulação, difusão ou representação o que achasse em desacordo com a lei.⁽¹⁰⁾



6

"Hay otro J. Carlos caricaturista, el de las formidables estilizaciones y de una supergeometría que sintetiza en pocas líneas, no solamente el rostro sino también el alma de Gandhi, el Kromprinz, Getúlio, el Príncipe de Gales, Hermes da Fonseca, Lauro Müller" e essa maravilha de síntesis que é Berta Singerman.

(Alejandro Sirio, citado por H. Lima, in *História da caricatura no Brasil*, p. 1081.)

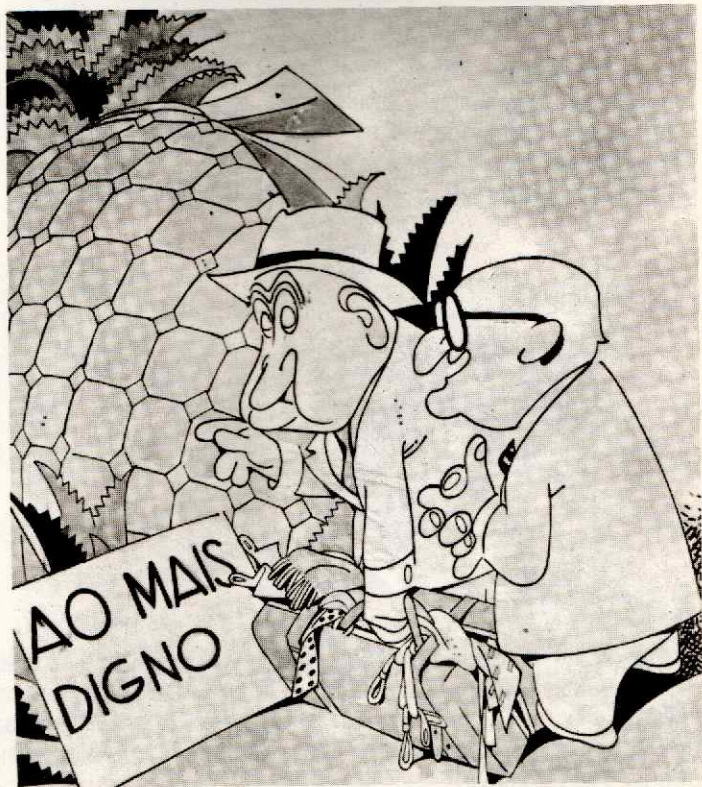
No fim da década de 1930, possivelmente ante as dificuldades de usar o material nacional, ou da crua realidade da guerra, a imprensa começa a utilizar rapidamente as *charges* antinazistas (causando algumas situações embaraçosas já que o governo não definia sua posição).



7

Passagem proibida

Veterano (Getúlio Vargas se dirige a Adhemar de Barros)
 Você é calouro. Por cima, não.
 Deve-se passar por baixo.



8

A história do abacaxi

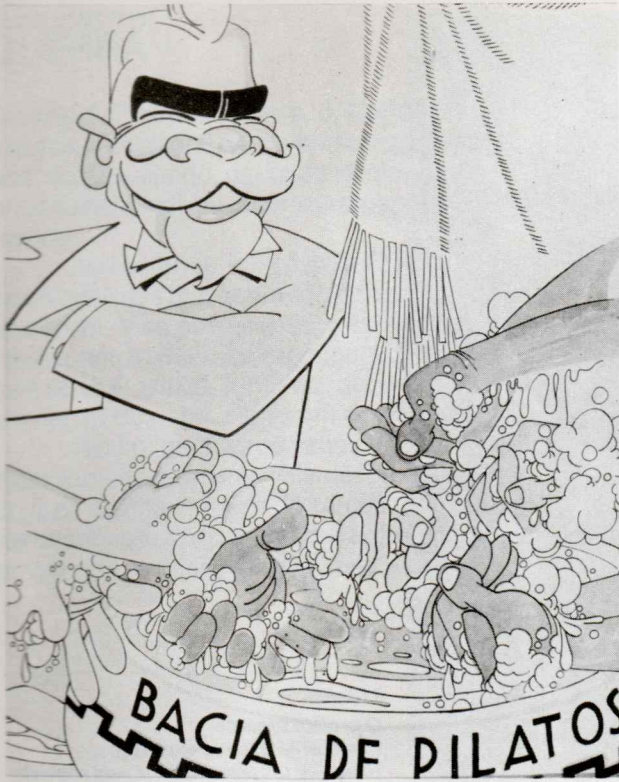
— Dutra (falando para Cristiano Machado)

É uma velha tradição.

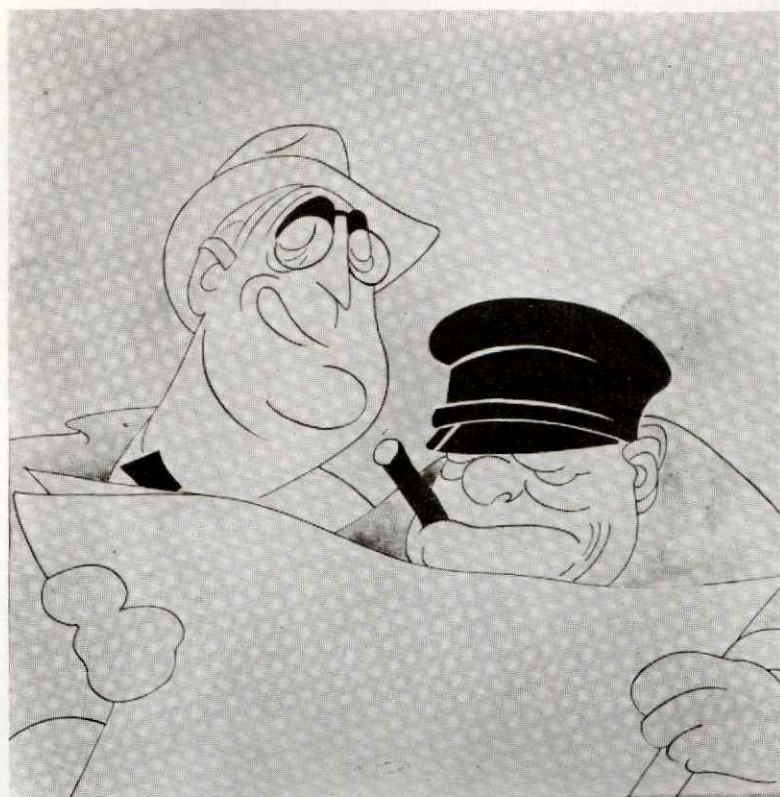
Um legado que, desde a independência, passa às mãos dos sucessores. Você nunca ouviu falar no "Ananás da História"?

Mais páginas para História

— Há também muitos outros que foram tomar banho de corpo inteiro...

**Mesa redonda**

G.G. — Será difícil ao Benedito convencer aos outros de que mineiro com botas é general.



11

O projétil foguete*Churchill — Esse nosso amigo...**Hitler — É um precipitado, já está soltando os foguetes antes do tempo.*

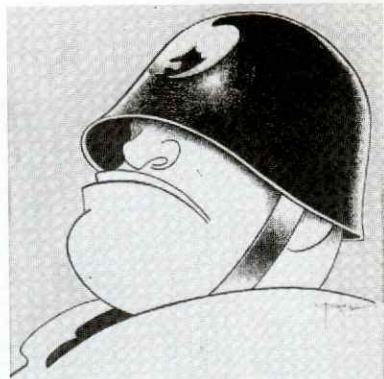
12

GUERRA

Durante a Primeira Guerra, J. Carlos tinha retratado os acontecimentos, caricaturando os personagens na série "Gregos e Troianos" e assinalando, aguçadamente, a falta de fundamentos para a entrada do Brasil na Guerra e o papel do "Tio Sam" em relação ao mundo.

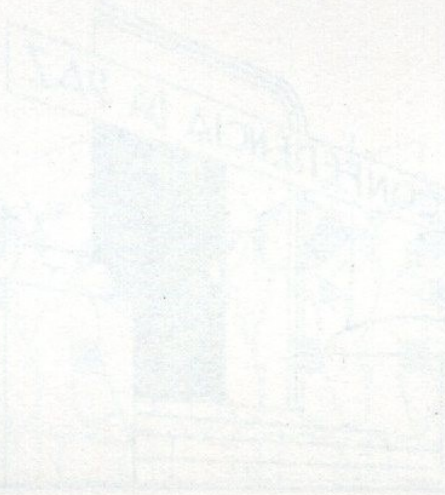
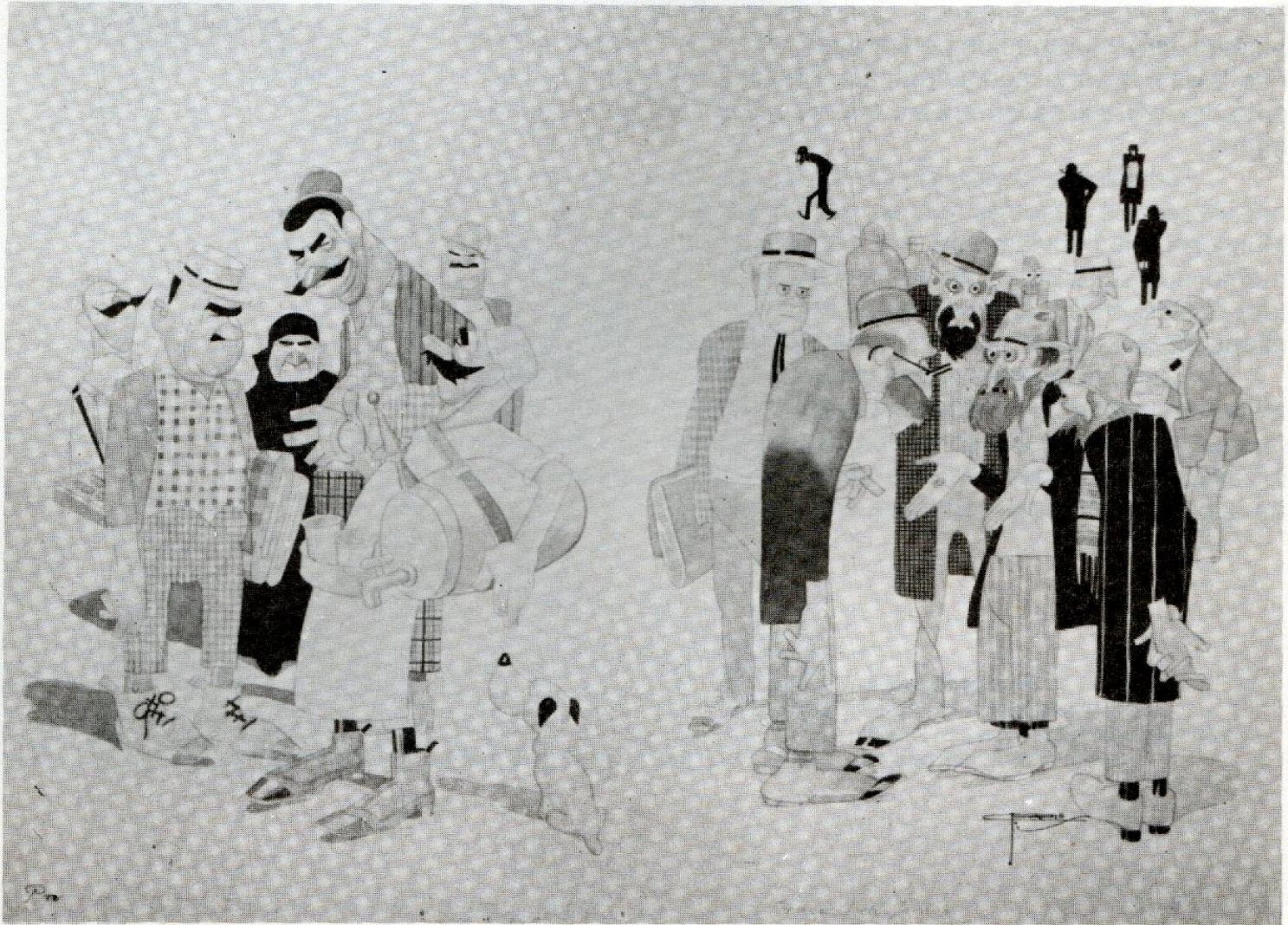
Ao iniciar-se a Segunda Guerra, a imprensa logo se alista nas fileiras dos que estão contra o nazismo. J. Carlos critica Hitler e Mussolini. Mas obviamente, não perdoa os aliados, e a todo momento, aproveitando a linguagem direta e de impacto que a caricatura possui, critica, junto ao fascismo, a estupidez da guerra, e a alienação dos que a ignoram ou não tomam partido.

Assim, as alegres capas cheias de cor e ritmo que nos traziam a imagem de uma vida despreocupada e, talvez, fútil, ao som do jazz, do charleston e do samba, dão lugar a tristes e descontentes desenhos com papais-noéis ofendidos e feridos, a humanidade ameaçada, e crianças sem casa e sem pais.



13





A VIDA NA CIDADE

J. Carlos sempre retratava os indivíduos no contexto que lhes era próprio "com os seus ridículos, os seus excessos, a sua *finesse* e os seus eventuais lampejos, no delicioso microcosmo da vida parisiense que era a do Rio, da segunda década do século"⁽¹¹⁾, e a posterior admiração pelos Estados Unidos e os produtos importados.

De 1912 a 1918, as casas de chá e o *footing* foram o seu tema preferido. Aparecem piadas sobre a moda de falar, com grande número de palavras em francês, sobre o esnobismo, mais adiante sobre o desejo de imitar os Estados Unidos e de emigrar.



Também desenha o povo da rua, o português da feira, o funcionário público, o mendigo, a gente sem trabalho, a sogra, o gari, immortalizado na figura de Brocoió, o sonhador personificado no Inocente Cor-de-Rosa, o político no Zé dos Bigodes, e o humor carioca, outrora mais presente na vida da cidade.

O caráter carioca era retratado através das festas, da dança, do amor pela música. Depois da guerra, o mundo vive numa bolha (*the buble* dos americanos), são as *Années Folles* dos franceses, quando abundam as festas de fantasia onde se dança charleston, foxtrot, shimey e tango.

Inspirando-se nesses temas, J. Carlos cria deliciosas capas com casais que parecem mover-se dentro dela e sair alegremente em nossa direção, a dança na gafieira, no Clube Democratas,⁽¹²⁾ no salão, no teatro. Também é documentado o inferninho, com as figuras mais estilizadas nadando no álcool e no fumo, e o Carnaval.

15

...“Papai era muito cuidadoso com seus desenhos. Eram impecáveis. Ele botava um papel em cima para não manchar, enrolado num papelzinho e andava com aquilo debaixo do braço para lá e para cá de bonde, “o seu escritório”, de onde tirava personagens e diálogos. Hoje em dia todo mundo tem aquele canudo, mas naquela época não existia”.

Depoimento de Eduardo Augusto de Brito e Cunha a Noriko Ohta.

16

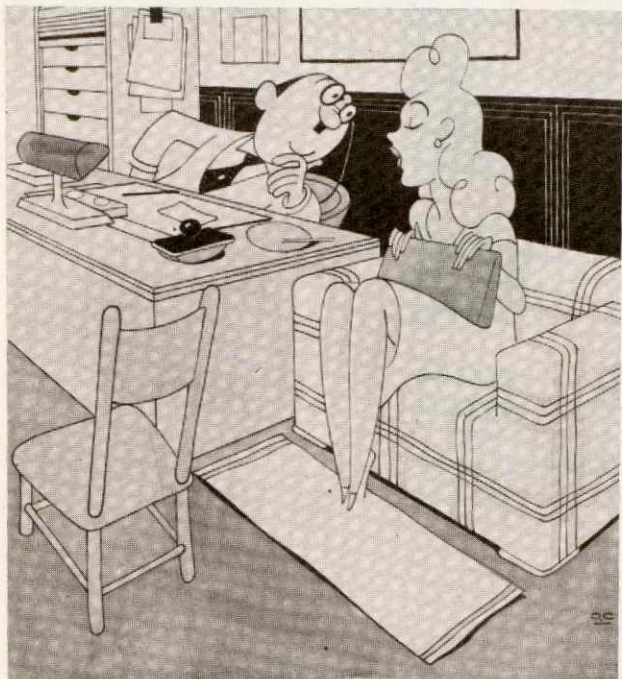
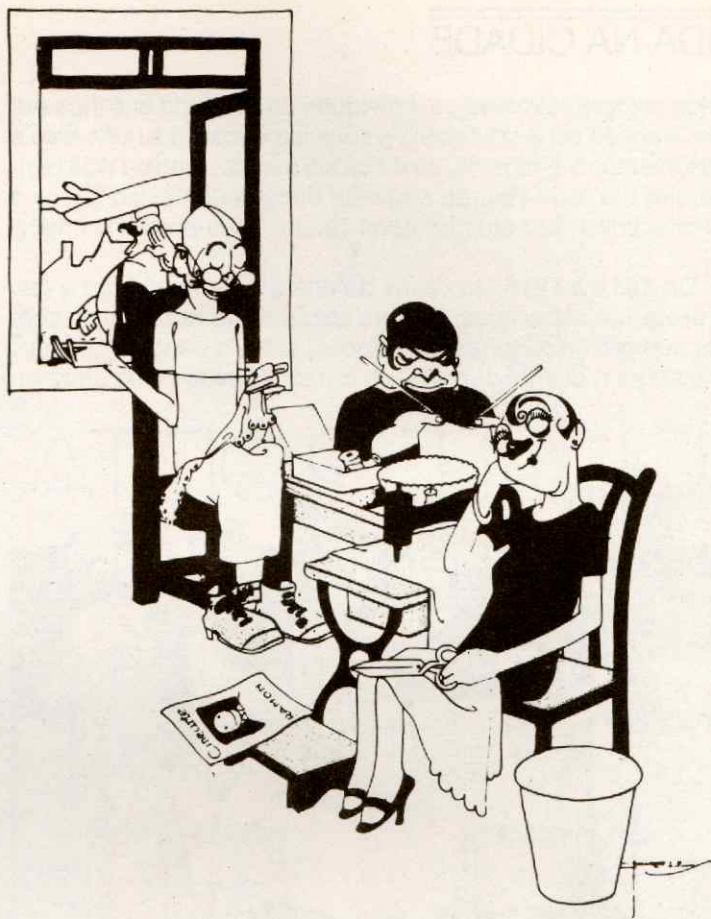
Três promissórias

Poliscena — Eu só me casarei com diplomata.

Emerenciana — Pois eu, se algum dia me casar, será com deputado.

Clementina — Meu ideal é farda! Oficiais... de Marinha.

Uma voz na rua — Garrafa...a...a vazia...



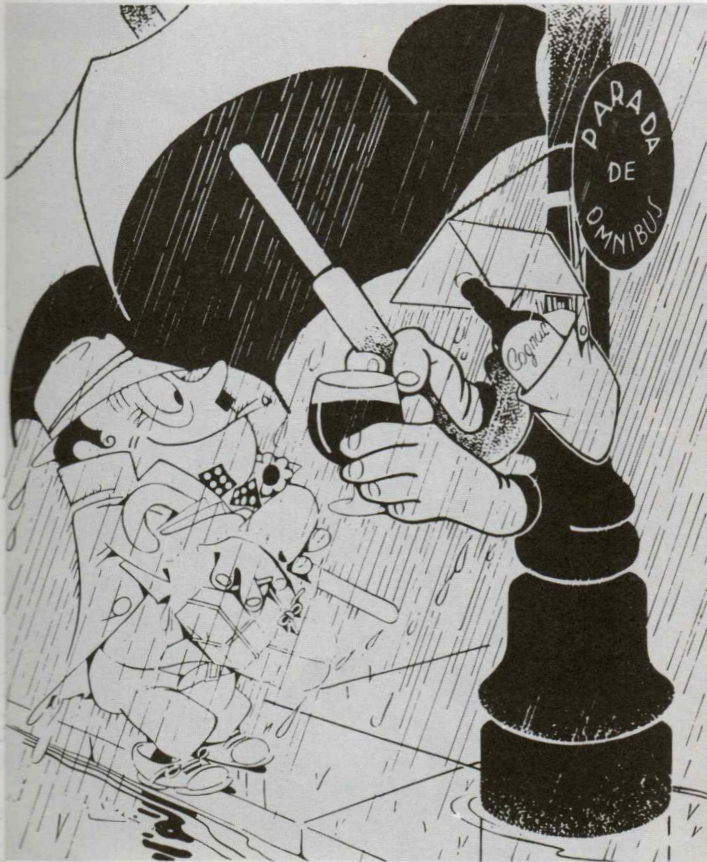
17

— E aos sábados naturalmente a senhora não trabalha, não é?

— Isso é conforme. Em que dia o senhor costuma trazer os marrons glacês?



18



19

Parada de ônibus
Pode me arranjar umas galochas
também?

20

Neste desenho se traduz perfeitamente a integração existente entre a moda e a decoração na *Art-déco*. As mulheres com seus vestidos curtos, os homens com "pantalona larga e jaqueta curtinha", almofadões no chão, as poltronas maciças, baixas, como as cadeiras e mesas que as acompanhavam, a fim de permitir as lânguidas atitudes e gestos modelados por Helena Rubinstein.

Os *designers* da época buscavam o racional, o simples, o despojado e a austeridade, condizentes com a produção industrial. A luz elétrica começa a ser usada como um meio aplicado; o vidro utilizado para dirigir a luz, as luminárias não escondem o que são. A decoração com motivos geométricos aparece em todos os objetos e tecidos.



CARNAVAL

O Carnaval é no seu desenho ora uma explosão de personagens na rua, ou palhaços que desfilam junto a foliões bêbados, ora estilizadas colombinas, baianas, espanholas e pierrôs.

Em entrevista à *Gazeta de Notícias*, em 1935, J. Carlos declarava "O Carnaval é desabafo[...] Gente pobre assoberbada por milhões de dificuldades, lutando diariamente com a fome e a miséria, é natural que durante esses três dias haja uma expansão aparentemente de alegria. Mas é de tristeza que eu sinto essa manifestação".



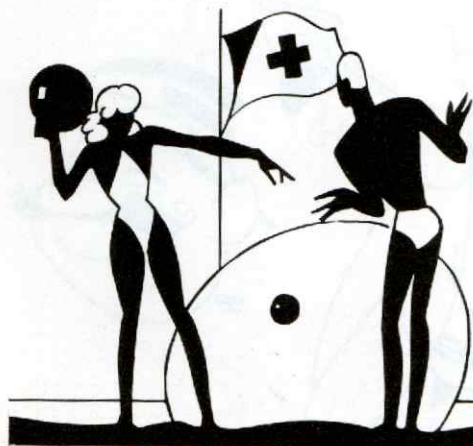
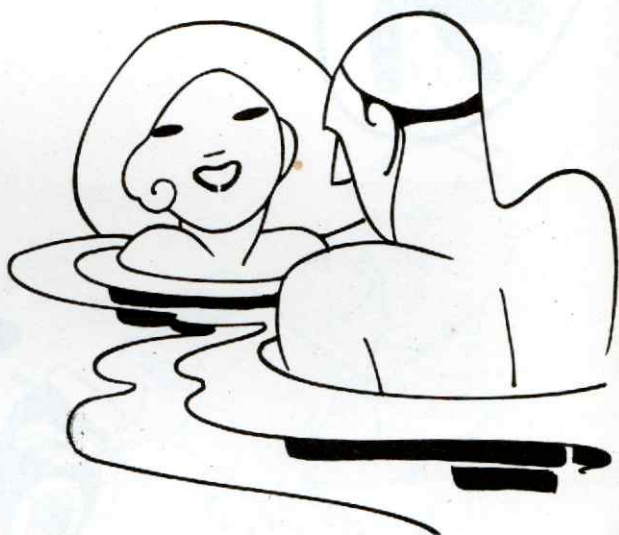
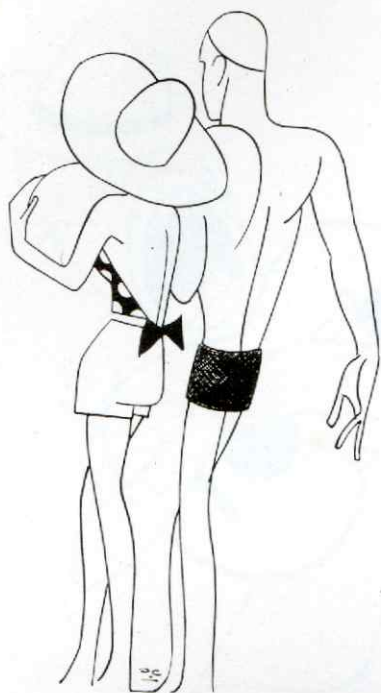




 A PRAIA

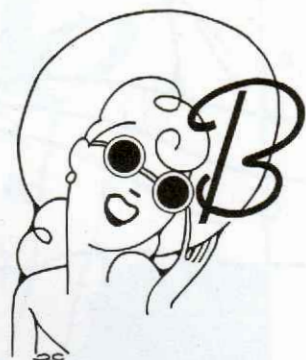
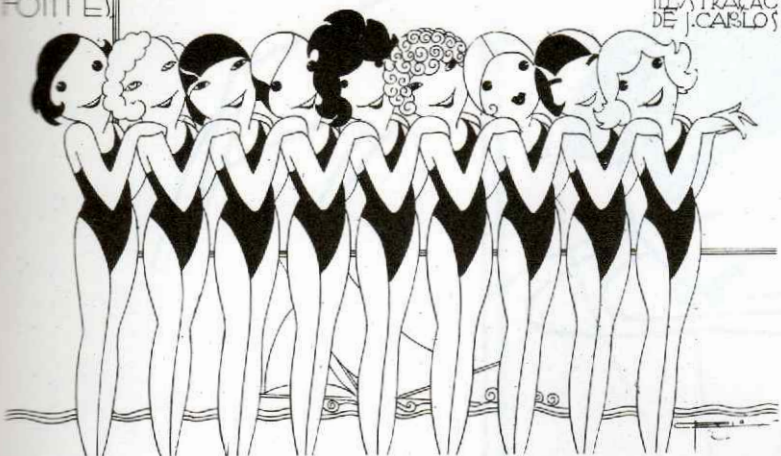
A praia, sinônimo do Rio, é outro tema para J. Carlos que a frequentava sempre com os filhos. "Em 1926/28 papai já fazia esses trajes de praia que se vêem hoje. *Topless*, shortinhos curtos... Tudo!"⁽¹³⁾ e documentava, também, o culto ao corpo, característico do carioca.

Em entrevista ao *O Jornal* de 5/9/26 J. Carlos dizia: "Para mim, quanto menos roupa uma mulher usar, melhor. Acho mesmo que quem possui grandes belezas não tem o direito de escondê-las. Acho esses novos *maillots* pequenininhos uma maravilha."



HERMÉ
FONTES

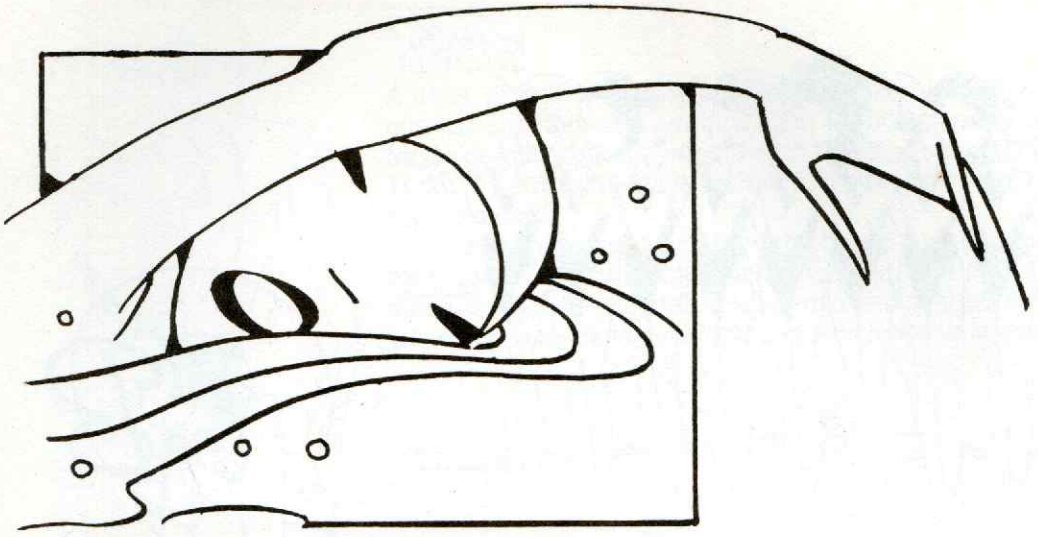
ILUSTRAÇÃO
DE J. CARLOS

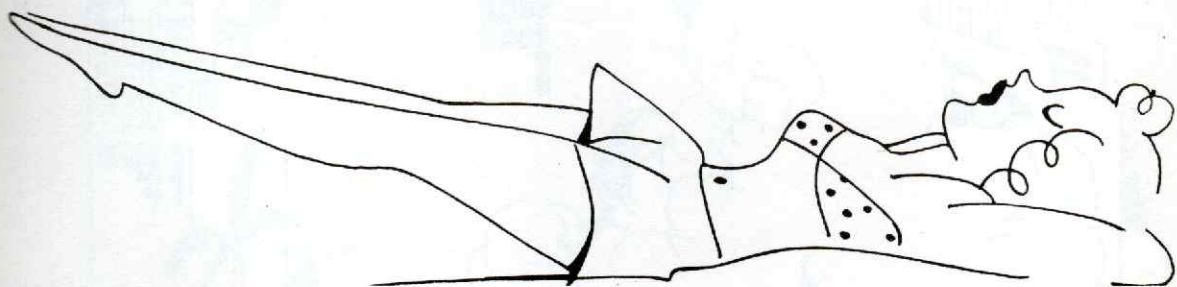


23



J. CARLOS







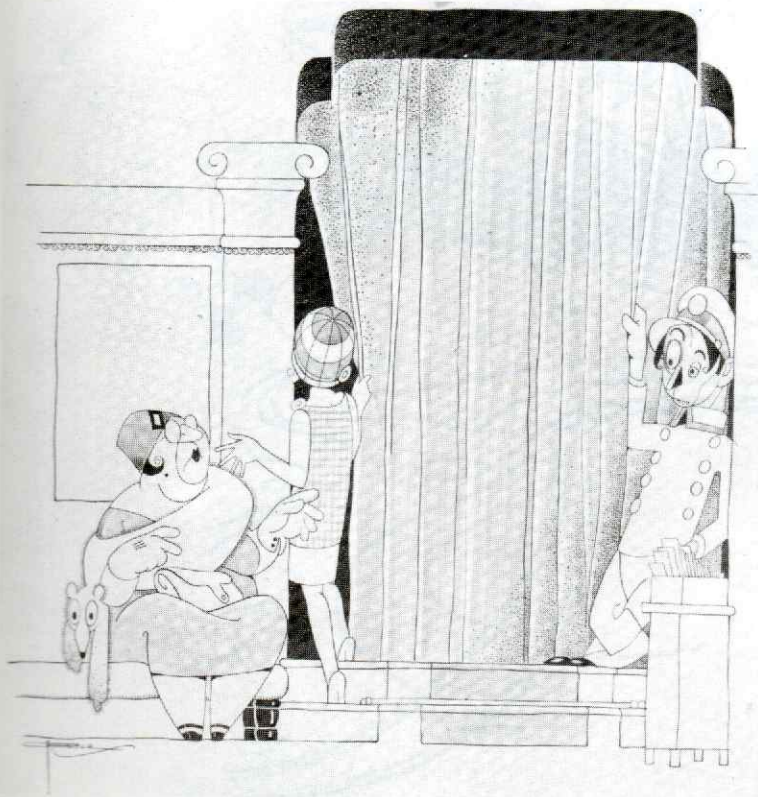
ART-DECO

Inspirando-se nos costumes novos, na sociedade da época, nos moldes e nas modas que o Rio adotava, J. Carlos nos legou uma completa iconografia *Art-déco*.

A nova arquitetura que surge na cidade, em prédios como São Francisco e o Novo Mundo no Centro⁽¹⁴⁾, o Pimentel Duarte, na praia de Botafogo⁽¹⁵⁾, o Moraes, na Praça Cruz Vermelha⁽¹⁶⁾ e as moles de Copacabana, entre as quais se destacavam o Itahy e o Itaóca⁽¹⁷⁾, entram em muitas das suas *charges* e capas, talvez não com muito amor, já que J. Carlos temia a massificação do homem e a desapareição da 'casa' (que também retrata em forma de *chalet*).

A geração *Art-déco* tem paixão pela velocidade que eles vivem e vêem nos meios de locomoção; carro, moto, locomotiva, navio, dirigível, avião. Pela primeira vez, o homem vê as coisas em movimento e desde o alto, o que modifica a sua visão do mundo.

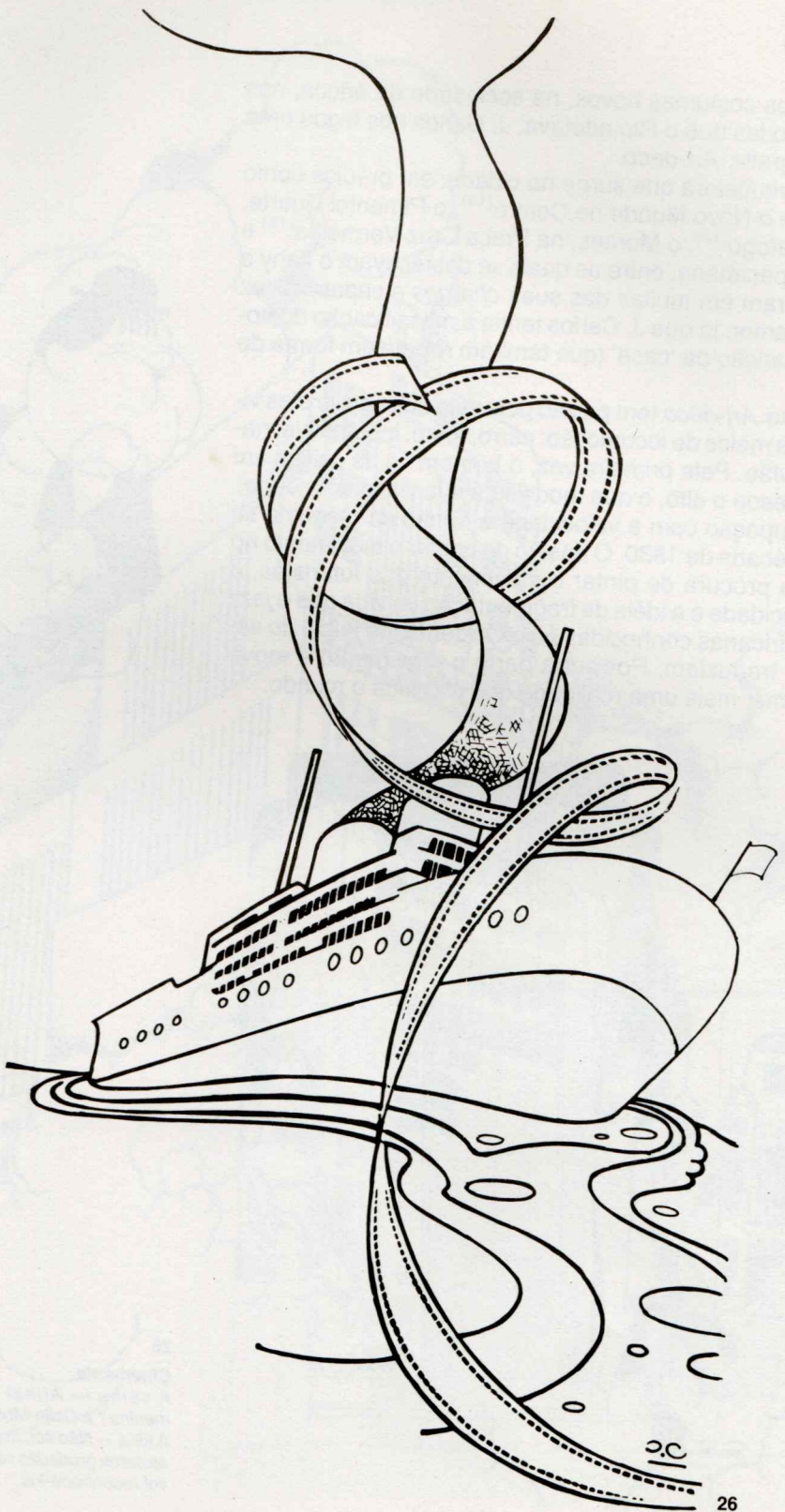
A preocupação com a velocidade e o mito da máquina se acentuam na década de 1930. O desejo de captar o movimento no papel retrata a procura de pintar o movimento dos futuristas, o gosto pela velocidade e a idéia de fragmentação da vida que o *jazz* e as culturas africanas conhecidas pelo Ocidente, no início do século, tão bem traduziam. Por outra parte o movimento é movimento no cinema, mais uma realidade que modifica o mundo.

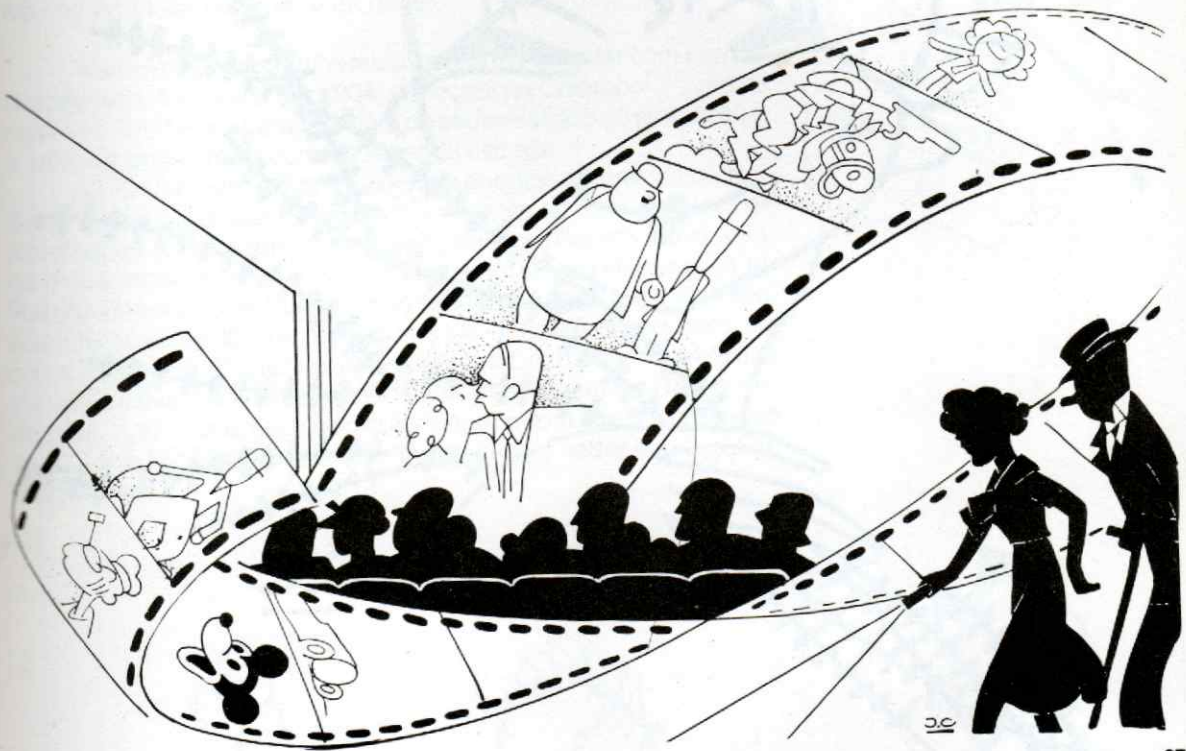


25

Cinemanía

A velha — Afinal de contas quem é menina? a Colle Moore? a Greta Garbo? A filha — Não sei, mamãe. Eles estão com as caras grudadas num beijo. Não é possível reconhecê-los.







MULHER

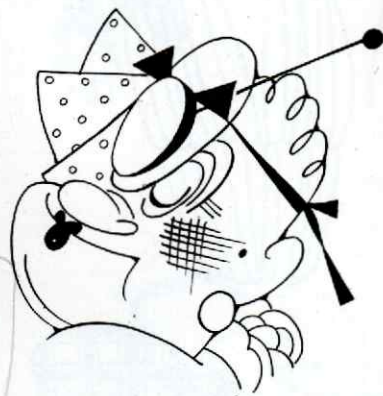
J. Carlos adorava as melindrosas e crianças e considerava "coronéis, matronas e almofadinhas" execráveis expressões do ridículo da nossa sociedade contemporânea.

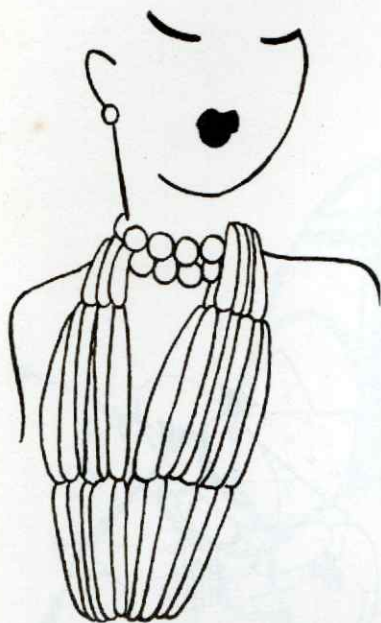
Para as crianças criou numerosas histórias e ilustrou livros. A mulher aparece durante toda a sua produção como a rainha. "A sensualidade de um seio, túrgides de um ventre, a linha duma anca redonda, a curva de uma coxa, prolongada em perna ágil e nervosa..."

... Há uma indisfarçável alegria de criar, no risco dessas agradáveis anatomias, na ondulação de braços abertos e carícias, na curva de seios e de ancas, na sugestão das atitudes e dos gestos impregnados de amor e de desejo" ...⁽¹⁸⁾

Estas elegantes mulheres começam a transitar com grande chapéu pela *Avenida* em 1904, almoçam na Colombo⁽¹⁹⁾, vão às reuniões. Em 1914 aparecem com os seus vestidos de cintura alta, a saia um pouco mais curta, a fazenda listrada.

O Rio também sente a influência oriental, conhecida no Ocidente através dos *ballets* russos. Esse gosto se traduz no uso de almofadões com desenhos orientais, na maquilagem carregada, na moda mais sensual e livre e nas posturas de odaliscas. A influência oriental vê-se também nos tecidos suntuosos e brilhantes, nos intermináveis fios de pérolas nos turbantes e nas *aigrettes*. As cores fortes e contrastantes vêm suplantar o azul-marinho, o cinza e o verde-oliva. São o rosa-begônia, o cereja, o azul-de-Delf, o verde-jade, o azul-oriental e particularmente o tom laranja chamado 'tango' que faz furor nos anos 20, para depois ceder seu lugar ao branco e preto.



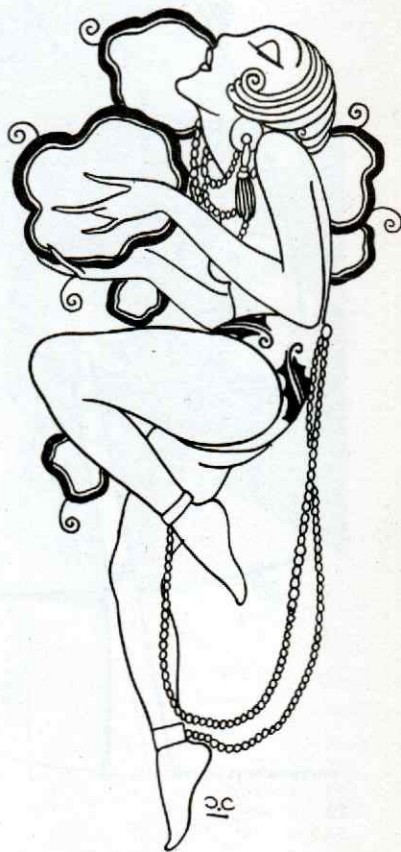
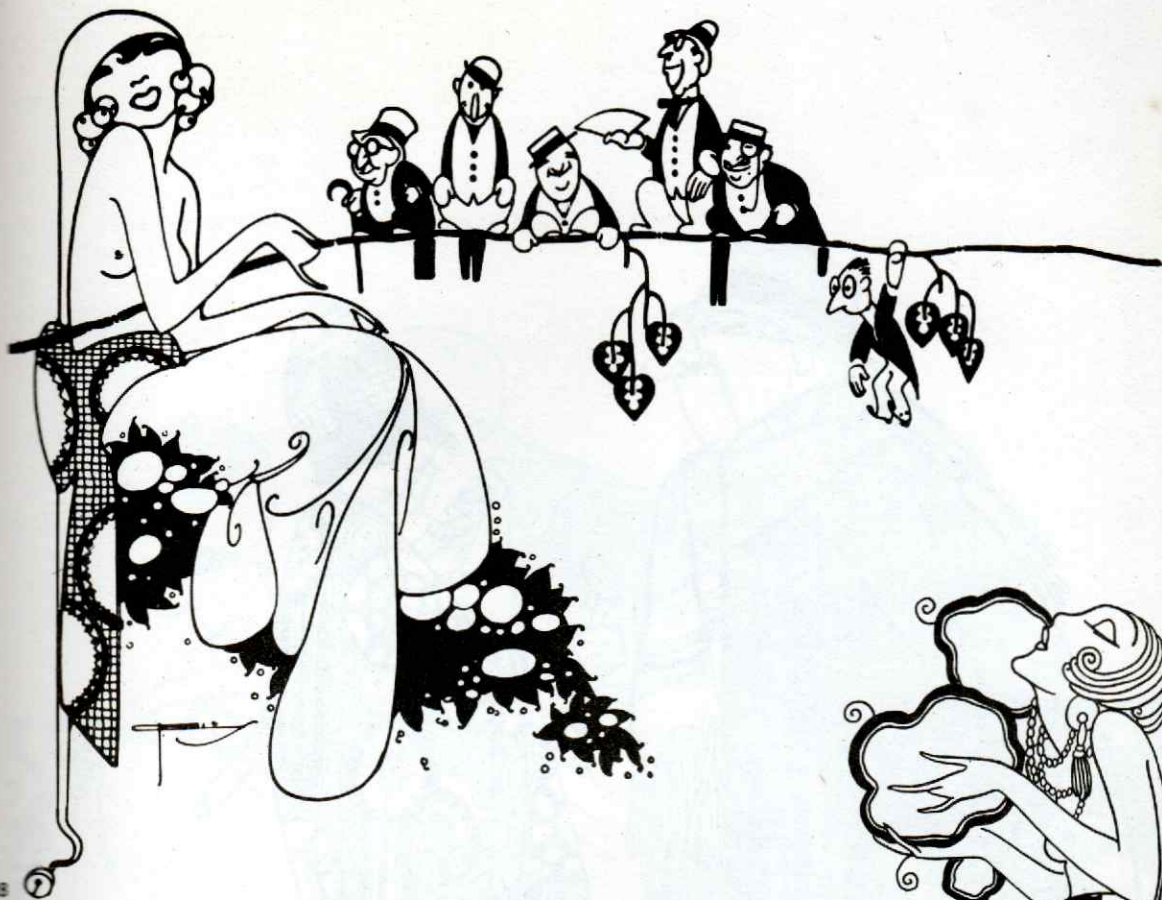


Em 1920 J. Carlos cria a melindrosa, de olho redondo "sumido num sonho permanente" (Herman Lima), com seu cabelinho cortado a *garçon* e o característico 'pega-rapaz' na testa e ao lado do rosto. A boca, em forma de coração, pintada com batom muito forte, que acompanha a cor das unhas como ditava a moda. A melindrosa com seu jeito de criança é um pouco a caricatura da outra mulher refinada e sensual. Aparece sempre vestida com vestido reto, às vezes ligeiramente afunilado para baixo, cintura baixa, *cloche* na cabeça. Sapato com tirinhas e pernas cobertas por meias transparentes. Sua silhueta esguia e nervosa movimentava-se com passinhos miúdos, só, ou com as suas amigas, ou com o almofadinha, jovem bastante afetado trajado com exagerado apuro. Vai passear pelas ruas, tomar chá na Cavé⁽²⁰⁾ ou ver 'fitas' no cinema.⁽²¹⁾ Durante esses anos, a saia sobe e desce, sem ficar num lugar; usam-se os babados, reminiscências dos vestidos espanhóis, e as saias 'a lenço' seguindo a inspiração de Maggy Rouff.

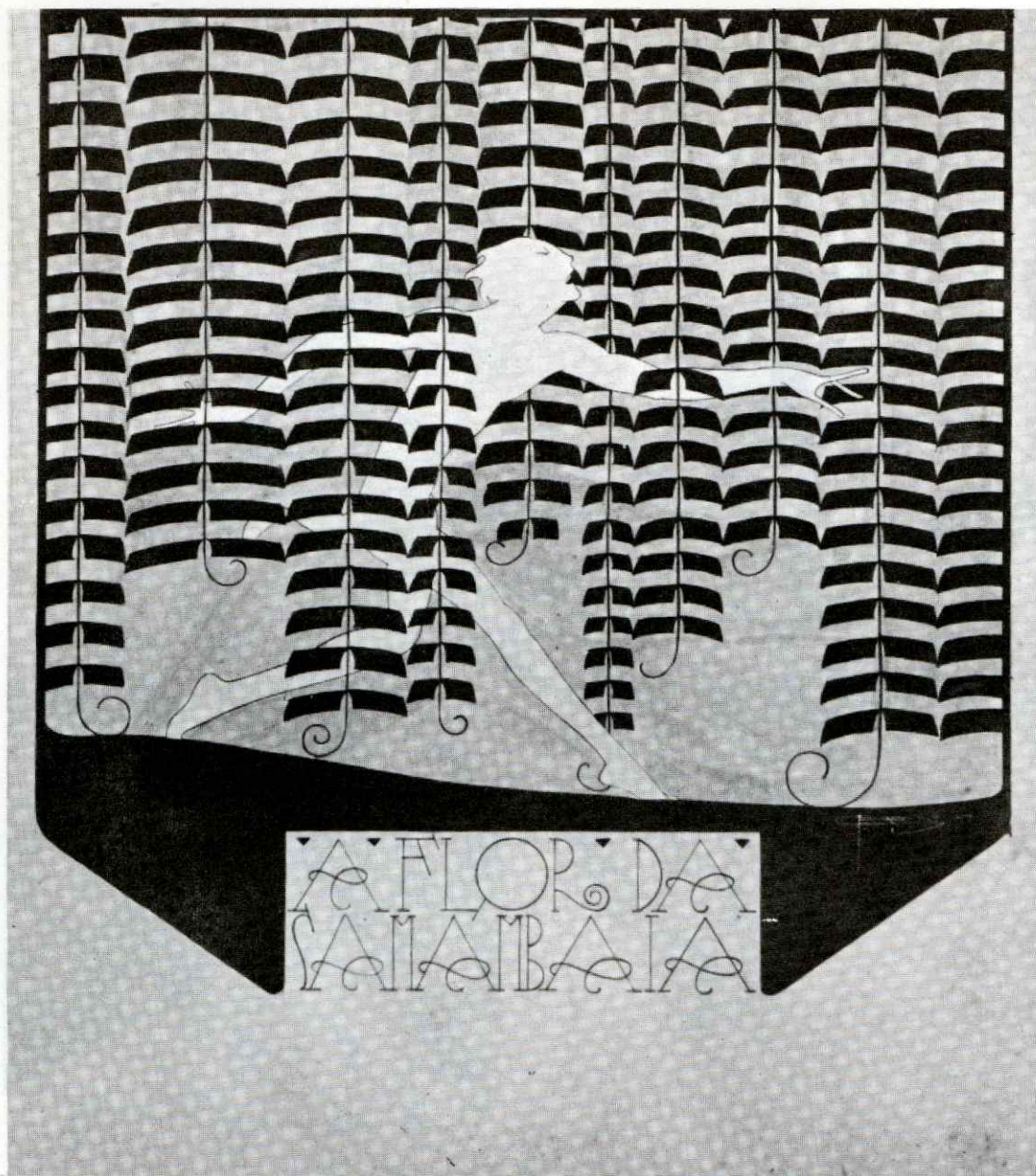
Após 1930, usa-se o *jersey*, voltam as saias redondas e a cintura no lugar. O turbante e a *aigrette* cedem lugar à *cloche*, esta ao chapéu de aba grande, logo o chapéu desce pelo pescoço deixando a testa livre, até que se converte no *bonet* sobre o cabelo solto. Na década de 1940 aparece uma jovem de cabelos compridos que cuida do seu corpo com atenção, nada, anda em moto e namora o marinheiro americano.

Podemos reconstituir a moda do Rio vendo os desenhos de J. Carlos, que não só documentavam mas também ditavam a moda, chegando, após 1920, à altura das realizações de um Georges Lepape, Paul Iribe ou Georges Barbier. É como se o milagre das terracotas de Tanagra se desse novamente. "Um dia, decerto, no começo do próximo século, o Rio de Janeiro não possuirá mais carioca: as raparigas das margens da Guanabara não se distinguirão das raparigas do resto do planeta: idênticas preocupações, atitudes iguais, o mesmo modo de vestir, gravidade, pessimismo... Nesse dia, um curioso de coisas do passado encontrará, nas páginas de uma revista, as figuras de J. Carlos; encontrará a melindrosa, que ele inventou e que constituiu o lindo modelo das nossas lindas contemporâneas...

O Rio de Janeiro de antigamente há de ressuscitar na expressão ingênua e irônica dos olhos que viram os primeiros aeroplanos; nas bocas talhadas à feição de beijos; no ritmo ondulante da carne envolta em sedas leves, luminosas, fugidias... O ente que olhar, daqui a cem anos, as obras-primas de J. Carlos, poderá viver a vida que andamos vivendo..."⁽²²⁾







31

A *Art-déco* adota as grinaldas de rosas e o papiro como plantas preferidas para a decoração. J. Carlos serve-se da flora tropical para criar as suas ilustrações; estiliza samambaias, palmeiras e bananeiras, criando um desenho esbelto e conciso que se presta à composição simétrica.

Neste desenho, J. Carlos corta calculadamente as samambaias, que criam uma cortina por trás da qual corre um corpo nu. O geométrico reina triunfante nesta busca do equilíbrio harmónico.

PROJETO GRÁFICO E TIPOGRAFIA

A partir dos anos 20, a informação gráfica cresce em importância, a palavra é postergada pela imagem, a informação escrita pela informação gráfica. O projeto gráfico e a tipografia dos trabalhos de J. Carlos nos anos 20 e 30 aderem a esse estilo, tão indicado para a propaganda. Desenhos de fácil leitura, muito limpos, com letras marcadamente recortadas, ocupando inteligentemente um espaço e agindo como formas inter-relacionadas com o desenho. Na propaganda, cartazes e capas servem-se da superposição, da dupla imagem e da repetição.

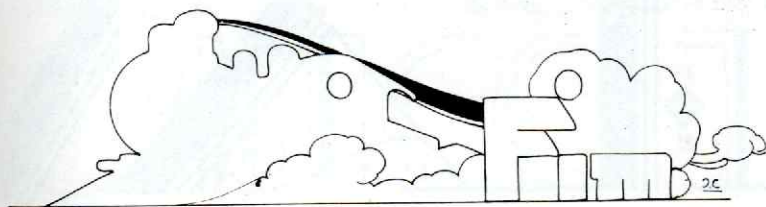
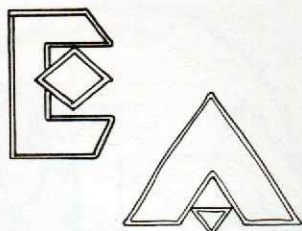
“As formas geométricas básicas — círculo, quadrado e triângulo — são ricamente empregadas tanto no desenho das letras, propriamente ditas, como nos sinais tipográficos (pontos, traços...).

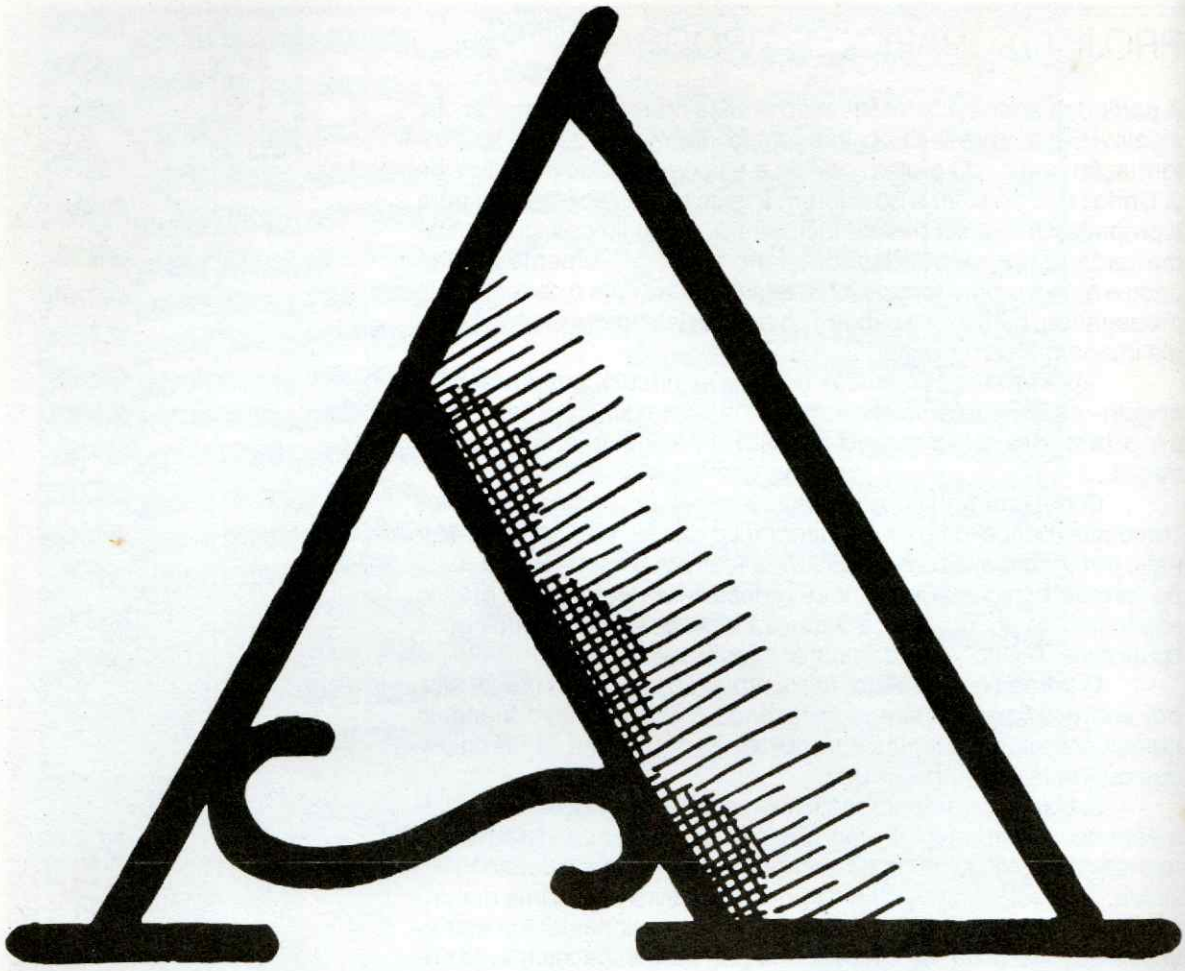
O detalhe gráfico assume um papel importante; J. Carlos como que ‘brinca’ com ele na decoração das letras e no uso de sinais, tratando o abecedário de forma idêntica às suas ilustrações. As formas básicas geométricas recebem um tratamento gráfico específico de acordo com a natureza e proposta da comunicação tipográfica: sóbrio, alegre, neutro, infantil...

O triângulo equilátero, representação base do A maiúsculo, ora aparece apenas recortado fazendo surgir um novo triângulo menor, ora aparece ‘fantasiado’ por linhas onduladas, tarjas coloridas ou franjas de semicírculos.

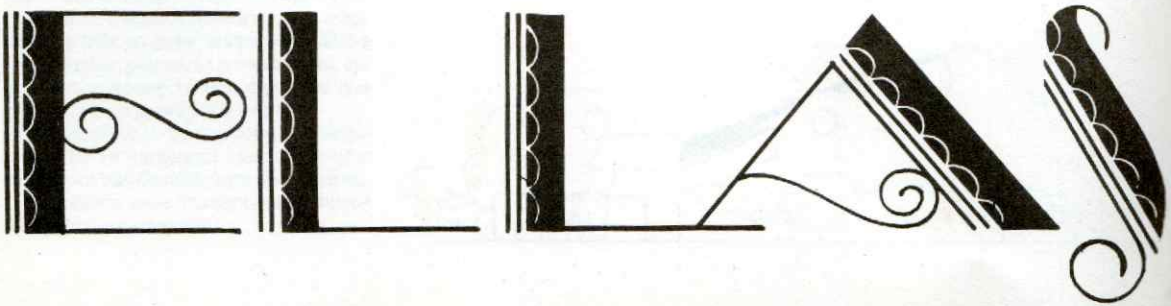
J. Carlos raramente realizava estudos e esboços, especialmente no que se refere à diagramação dos textos que incluem as referências técnicas do impresso (ano, mês, dia e número das revistas, os créditos de autoria e tradução de livro etc.). Uma marcação a lápis inicial indicava as bases do entrelinhamento, a arte-finalização ele fazia ‘no olho’, resultando num espaçamento entre letras e palavras por vezes irregular.

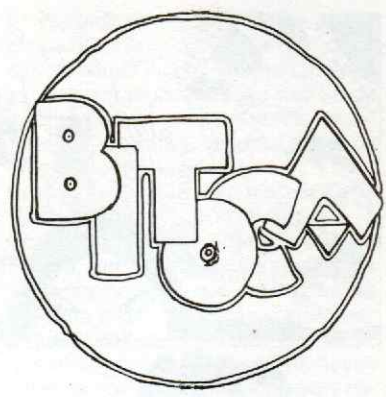
O resultado final, entretanto, não é comprometido em função da inclusão de sinais gráficos que conferem à composição um efeito harmonioso.”⁽²³⁾





UMA SENHORA





ALMANACH
DO "ÓTICO-TICO"

**Almanach do
"ÓTICO-TICO"**

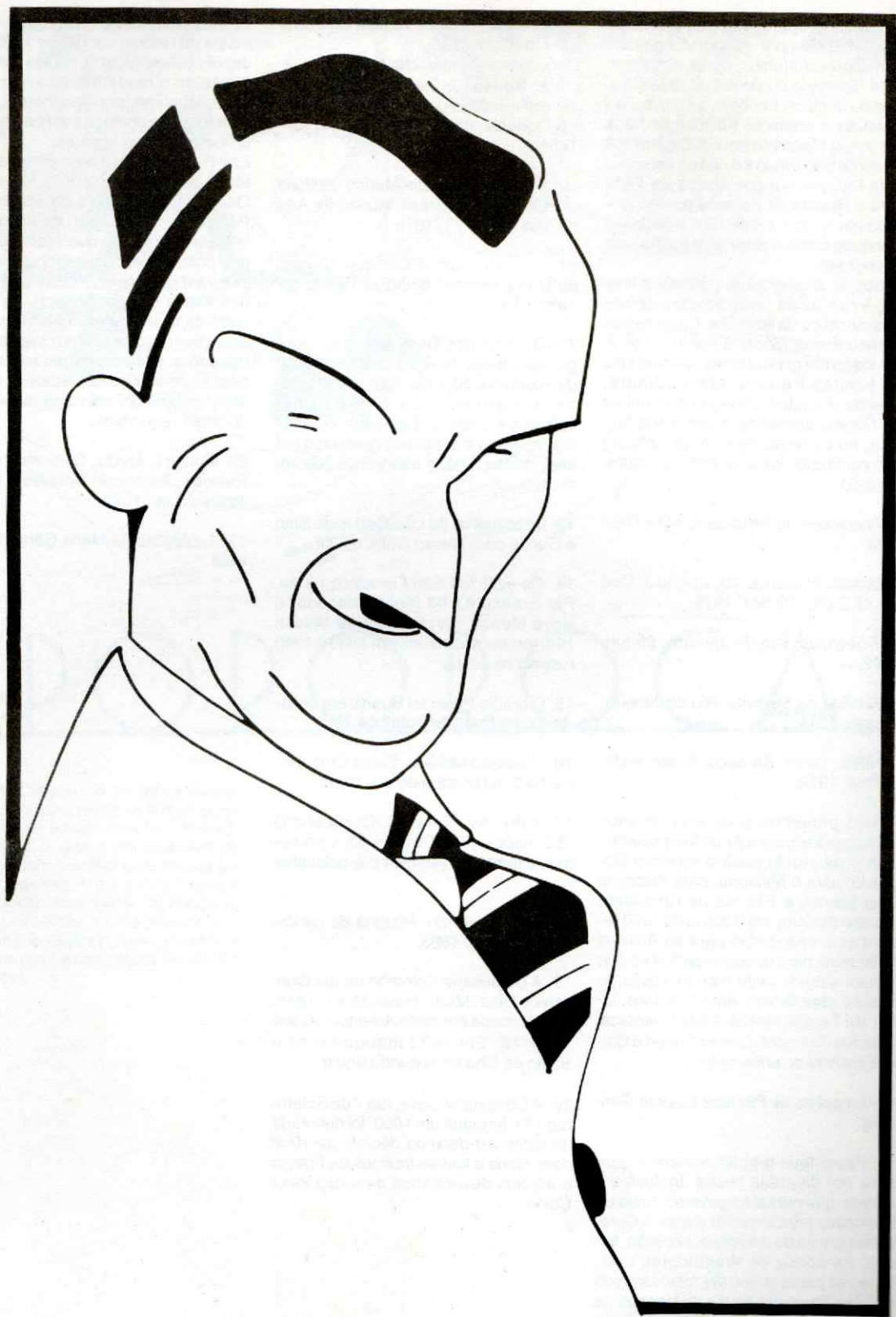
ALMANACH DO
ÓTICO-TICO



32

A *Art-déco* abandona as linhas curvas para procurar suas fontes na cultura egípcia e síria, na antiga América, México, Peru e Brasil. J. Carlos cria uma série de figuras femininas diretamente inspiradas nos tipos índios do Brasil; a Mãe d'água, a Vênus tropical, entre outras. Na Pororoca, a 'mulher-rio', entre índia e boneca, eleva-se com a força das culturas pré-colombianas, em meio a decorações de plantas geométricas.

1. Em 1895 apareceram os primeiros clichês obtidos por zincografia com os gravadores Antonio Freitas e Antonio José Germano do *Jornal do Brasil*. Temos de lembrar, também; as inovações materiais e artísticas trazidas de Paris por Julião Machado para *A Cigarra* e *A Bruxa* de São Paulo e o uso da fotozinc e da fotogravura por Álvaro de Tefé para a *Revista da Semana* por ele fundada em 1.º de maio de 1900 e de Julião Machado como criador de trabalhos em zincografia.
O uso da zincogravura permitiu a ilustração de linhas livres do claro-escuro característico da litografia. Os primeiros clichês dos originais a nanquim de J. Carlos foram gravados por Antonio Luiz de Freitas Pereira. Mais adiante, quando J. Carlos começou a trabalhar na *Careta*, aprimorou muito a sua técnica, no convívio com Jorge Schmidt que dominava todas as técnicas de impressão.
2. Anotações de Piedade Epstein Grinberg.
3. Moraes, Frederico. Exposição J. Carlos. *O Globo*, 23 dez. 1975.
4. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1942.
5. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 26 ago. 1944.
6. Hillier, Bevis. *Art-déco*. Studio Vista, Suffolk, 1972.
7. Nos primeiros anos encontramos propagandas para a Água Magnesiana, com o retrato do político Pinheiro Machado; para o Melhoral, para Biscoitos Leal Santos e Fábrica de Chocolate Moinho de Ouro. Na década de 1920 realiza as propagandas para as Anilinas Indantrem, para os novos perfumes que tinham surgido junto com as casas de moda e para Bromil, Água Salutaris, Licor de Tajuja, Nestlé, Rádio Ipanema, Cigarros Belmont, Discos Odeon e Caixa Econômica, entre outros.
8. Anotações de Piedade Epstein Grinberg.
9. "Papai teve problemas com a censura por diversas vezes. Inclusive a *Careta*, que nunca foi governo, tinha dificuldades para importar papel. A *Careta* sempre foi de oposição, exceção, talvez, na época de Washington Luiz. Uma vez papai andou até meio foragido em São Paulo por causa do Hermes da Fonseca. Ele fez uma caricatura de Hermes da Fonseca vestido de noiva. Foi um escândalo!"
Depoimento de seu filho Eduardo. Ohta, Noriko. *J. Carlos, a caricatura imortal* — inédito pertencente ao Centro de Documentação da Funarte, jan. 1984.
10. Semeraro, Claudia Marino. *História da tipografia no Brasil*. Museu de Arte de São Paulo: 21, 1979.
11. Lima, Herman. *J. Carlos* — Serviço de Documentação do MEC. Rio de Janeiro, 1950.
12. O Clube dos Democratas foi inaugurado na rua do Riachuelo, no dia 30 de dezembro de 1930. Notável a fachada com azulejos com temas carnavalescos e o *hall*, rico de mármore, ferros, azulejos e estuques, povoados por melindrosas, índios e africanos policromados.
13. Depoimento de Luis Carlos de Brito e Cunha para Noriko Ohta. op. cit.
14. Os edifícios São Francisco na Av. Rio Branco 87/93 (hoje demolido) e Novo Mundo, Av. Presidente Wilson 164, foram construídos em 1930 e 1940 respectivamente.
15. O prédio Pimentel Duarte era construído na Praia de Botafogo 200.
16. O edifício Morães, Praça Cruz Vermelha 9, foi construído em 1932.
17. Itahy, Av. Nossa S. Copacabana 252, Itaóca, Rua Duvivier 43, com nomes e temas da América pré-colombiana.
18. Lima, Herman. *História da caricatura no Brasil*: 1093.
19. A Confeitaria Colombo na rua Gonçalves Dias 32/36. Fundada em 1914, foi reformada em estilo *Art-nouveau* em 1914-18. Em 1922 inaugurou-se o Salão de Chá no segundo andar.
20. A Confeitaria Cavé, rua 7 de Setembro 133, fundada em 1890, foi decorada no estilo *Art-déco* na década de 1920 com vidros e lustres trazidos da França e móveis desenhados pelo espanhol Colón.
21. Nas editorias de *Para Todos*, que se ocupa de cinema de 1920 a 1925, para depois deixar lugar à revista *Cinearte*, expõe-se a modernização não só da exibição como, principalmente, da arquitetura que começa com os primeiros prédios de cinco andares.
Em 1925 inaugura-se o cinema Capitólio, depois o Glória, o Império, o Odeon e para acabar a década, o Pathé Palace, em 1928. São os apelidados 'elefantes brancos' que eram construídos com o luxo necessário para fazer *pendant* com os mistérios e fortunas dos filmes que projetavam. As novas salas da avenida introduzem novos hábitos para o carioca, fã de cinema, acostumado a assistir a filmes nas saletas pequenas da década anterior, e recebem também um novo tipo de espectador mais requintado.
22. Moreyra, Álvaro. O inventor da Melindrosa. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, mar. 1922.
23. Anotações de Maria Gertrudes Oswald.



 VIDA E OBRA

1884 18 de junho, nasce José Carlos de Brito e Cunha em Botafogo — Rio de Janeiro, filho de Eduardo Augusto O'Neill de Brito e Cunha e Maria do Loreto Carvalho e Mello.

1889 Vai morar na Gávea.

Estuda no Colégio São Bento até o ginásial.

Em reunião com os irmãos lembra: "De todos nós, o único que nunca estudou desenho fui eu, porque vocês todos tiveram o curso ginásial que eu abandonei antes de chegar à geometria" ... (1)

Registra-se, sem data precisa, a presença de desenhos de J. Carlos no *Pirralho*.

1902 A 23 de agosto é publicado o seu primeiro desenho no n.º 26 em *Tagarela* com a anotação "Desenho de um principiante".

"Eu era ainda colegial. Por brincadeira, tendo desenhado um boneco qualquer, resolvi mandá-lo a um jornal. Era o *Tagarela*, de propriedade de Perez Júnior e no qual trabalhava Raul Pederneiras (K. Lixto, Falspaff e outros); receberam o meu desenho. Acharam horrível, como era de esperar. Entretanto, chamaram-me ao jornal para conhecer o papel e a tinta então usados pela gravura ainda muito primitiva. O mais interessante é que o meu desenho foi publicado. Naturalmente senti-me encorajado para mandar outros. Aquilo foi a semente" (2).

Representava Tio Sam e Campos Salles no seguinte diálogo:

Tio Sam — Oh! moço, senhor pôde diz quanto são estados de sua paiz?

Campos Salles — São vinte, caro amigo.

Tio Sam — E a capital está em que estado?

Campos Salles — Está em ... Niterói.

Tio Sam — Oh!... Como é que muita gente diz que a capital está em estado lastimável?"

A 27 de setembro inicia sua vida artística em o *Tagarela*.

1903 A 2 de abril J. Carlos assina a capa do *Tagarela*.

1903/4 Trabalha na recém-fundada *A Avenida* com Crispim do Amaral.



1905/7 Inicia sua colaboração em *O Malho* cujo diretor artístico passará a ser K. Lixto Cordeiro (3).

Inicia seu trabalho em o *Tico-Tico* onde permanece até 1907 (4).

Em novembro participa da revista *Leitura Para Todos* ao lado de Angelo Agostini e Ramos Lobão.

Executa caricaturas para *Século XX* de Max Fleiuss, juntamente com Raul, K. Lixto e outros. Ilustra os *almanaques de O Malho e Tico-Tico*.

1907 A 28 de dezembro inicia seu trabalho na *Fon-Fon!* (5) de Jorge Schmidt. Fica até 1908 nessa revista, órgão dos simbolistas, onde trabalha ao lado de Gonzaga Duque, Mario Pederneiras e Lima Campos.

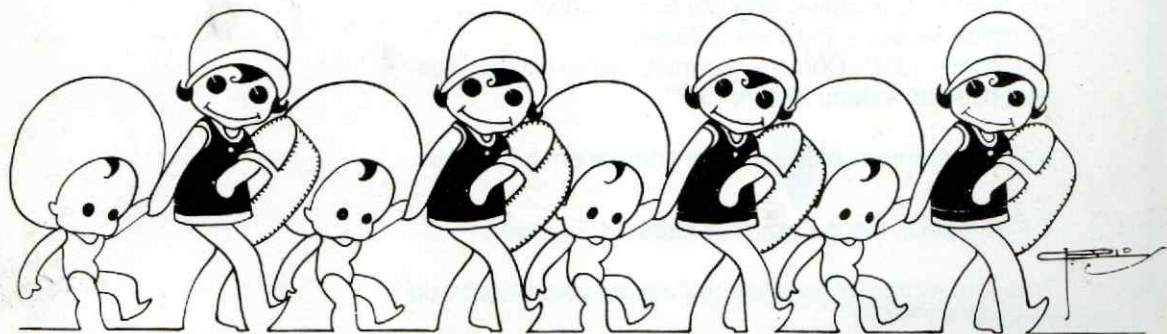
1908 A 6 de junho desenha a capa do primeiro número da *Careta* com *portrait* do presidente Affonso Penna com o seu característico *pince-nez*. Torna-se desenhista exclusivo da *Careta*, a sua grande vitrine (H. Lima) (6) onde apresenta semanalmente uma *charge* para a capa e seis desenhos.

1909 Ilustra na *Careta* o "Almanaque de Glórias" até 1914.

1910/11 Executa as capas e páginas principais do *Filhote de Careta*, assinando Hironnelle e J. Carlos.

1911 Ilustra o romance de Gustave Aymard *Os dramas do Novo Mundo*, editado pela *Careta* em fascículos, e em livro pela Empresa de Publicações Populares.

Em dezembro expõe na Galeria Brasil no Rio de Janeiro. Na mostra incluiu estatuetas e baixos-relevos, de Pereira Passos, Pinheiro Machado, General Bento Ribeiro, Dr. Barbosa Lima, Barão do Rio Branco e as séries Pe-



dras Preciosas, Cécegas, *Flirt*, Pecados. A propósito desta exposição R. Manso escreve em *A Noite* do dia 15 do mesmo mês: "Uma face do talento de J. Carlos desconhecida pelo público (e mesmo por ele até um mês atrás) é a de escultor. Os seus bonecos humorísticos valem a pena de se ver. O ex-prefeito Passos (em um banco de jardim), o vereador Pinheiro Machado com a faca e o queijo na mão, o prefeito Bento Ribeiro, com o ar satisfeito de quem está inaugurando uma estrada para aeroplanos; o Sr. Barbosa Lima com olhos de profeta defendidos por óculos de malacacheta, o Barão do Rio Branco em duas edições, uma completa, um excerto (busto), todos esses bonecos (com perdão da palavra) e os outros que lá figuram merecem uma visita. Só os caricaturados que tiverem pretensões apolíneas não devem lá ir, porque J. Carlos é hábil, mas terrível".



- 1912** Ilustra até 1913 *O Juquinha*, juntamente com Julião Machado, encarregado da capa principal e de páginas no texto.

Na *Careta* ilustra o jornal humorístico de Leal de Souza, "Dum-Dum".

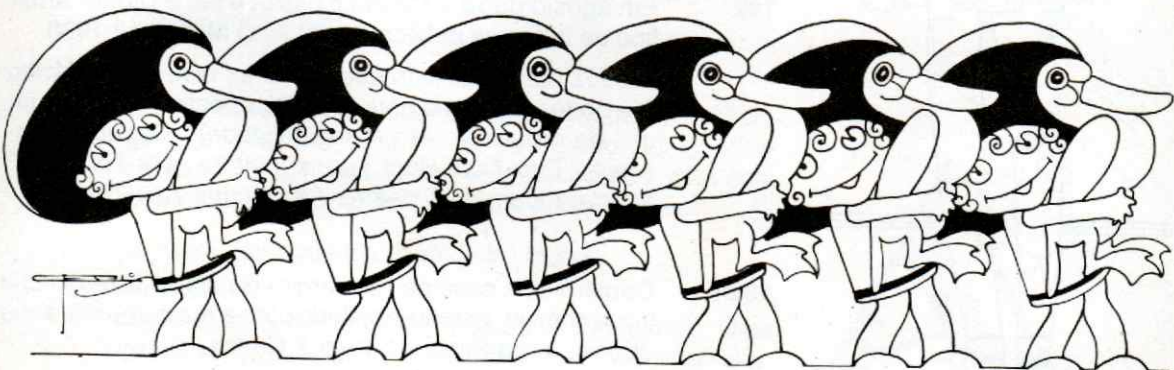
Faz composição nas coleções da *Revista da Semana*.

Até 1918 ilustra na *Careta*, trabalhos de Olavo Bilac, Emílio Menezes e Aníbal Teófilo, Luiz Edmundo e Amadeu Amaral e o famoso "O meu Brasil" de Olegário Mariano.

- 1913** Escreve "Num galho de acácias" para ser cantado com a melodia *Un peu d'amour*.

- 1914** 14 de janeiro, casa-se com Lavinia Taylor Neves.

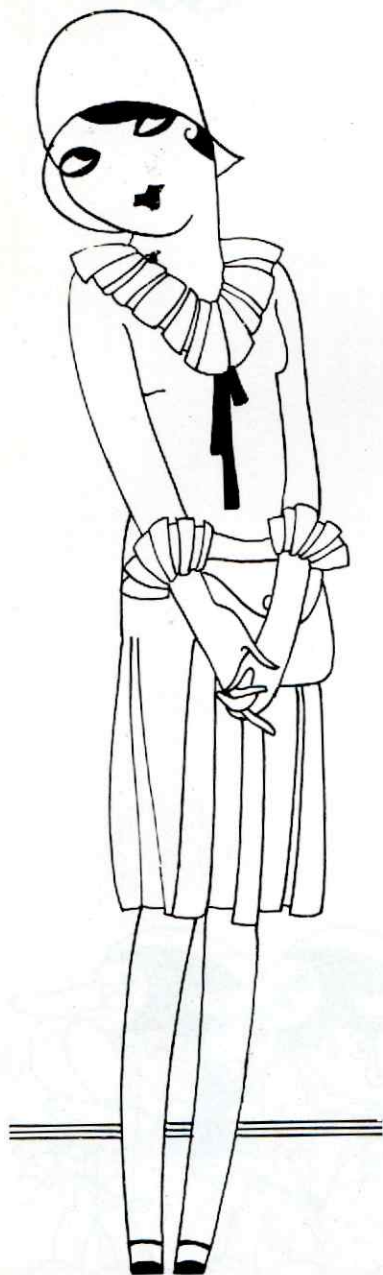
Exposição humorística em homenagem a São Paulo na rua 15 de Novembro 59.



Expõe 50 desenhos e caricaturas, traços de aquarela e *portraits-charges* de Washington Luiz, Antonio Prado, Olavo Egydio, Cícero Marques.

“Mas o que para São Paulo vai constituir a novidade, a nota desconhecida e original, será a apresentação de caricaturas vestidas. Silhuetas recortadas e vestidas. É interessantíssimo, digno de ser visto e de um notável valor artístico ... A exposição de J. Carlos vai constituir um grande sucesso artístico”. (7)

Participa de uma série de caricaturas da *Careta* chamada “Gregos e Troianos” que retrata o cenário europeu de 1914-18.



1916 Em novembro concorre no Primeiro Salão dos Humoristas, inaugurado no Liceu de Artes e Ofícios. Expõe juntamente com: Raul, K. Lixto, Amaro, Fritz, Belmiro de Almeida, Hélios, Luis, Basílio Vianna, Nemésio Dutra e Ariosto, entre outros.

1918 Executa capas em *A Cigarra* e *Vida Moderna* em São Paulo.

Capas e ilustrações internas para volumes da primeira edição de *Moinhos de Vento* e *D. Quixote*, de Bastos Tigre.

1919 Colabora no Rio com a *Revista Nacional*, dirigida por Álvaro Guanabara e Américo Farp.

Realiza capa para *Eu sei Tudo* e *Revista da Semana*.

1920 Cria a melindrosa. Ilustra, com Correia Dias, o álbum para homenagear o rei Alberto da Bélgica, por ocasião da sua visita ao Brasil.

1921 Em agosto deixa a *Careta* e passa a ser o Diretor Artístico de todas as publicações S.A. O Malho até 1930.

Produz notáveis ilustrações para as revistas: *O Malho* (de onde inicia uma série de sátiras políticas em agudas de grande leveza e originalidade); *Ilustração Brasileira*; *Tico-Tico*; *Para Todos*; *Leitura para Todos*; *Cinearte*; *Álbum da Cinearte*; *Almanaque Tico-Tico*.

1924 Constrói sua casa na rua Jardim Botânico, fazendo esquina com um terreno projetado para a rua que seria, anos depois, a rua Sucupira, hoje J. Carlos.

... "Dez anos após ter imposto às minhas forças a tarefa de construir a nossa casa foi lançada a sua pedra angular"... "Sem a maior solenidade, entretanto, fiz a primeira ponta a um lápis comum e com ele Lavínia escreveu a frase: "Deus nos ajude". Depois esse lápis foi enterrado no solo e sobre ele desceu então a primeira pedra"... (8)

1925 Até 1930 ilustra, no *Para Todos*, contos de Olegário Mariano, Benjamim Costallat, e Aluizio Salles.

Na *Ilustração Brasileira* realiza uma série de desenhos de página inteira: Flor de Lótus, A estrela dos pastores, Maria, Samaritana, Saudade, Cartas de Pierrot, Senhora das Rosas.

1928 Realiza a capa do livro de Herman Lima, *A Mãe D'Água*. "Sob um dossel de ramarias floridas que lhe vem até os pés, face à lagoa que lhe reflete a imagem, sobe linheiro e esguio como uma árvore nova, o corpo da cabocla misteriosa e traiçoeira. Toda nua, os seios como duas pequenas luas, o talhe de ânfora, a linha do ventre alongada perturbadoramente no pedúnculo das pernas perfeitas, unidas como fuste vegetal, os olhos profundos como a água morna donde ela provém, há, nessa maravilhosa criação potâmica, um sortilégio de calada volúpia, de que são, misteriosamente, a expressão ainda mais poderosa os longos cabelos negros, escorridos em sinuosidades de serpentes, sobre a curva do colo, o relevo dos ombros, a doçura dos braços." (9)

Ilustra *Leituras escolares*, de Maria dos Reis Campos e Alcéia Moreira de Souza, para a Livraria Francisco Alves.

A 6 de março realiza a primeira capa da revista *O Papagaio*.

1929 Ilustra *Ba-ta-Clan*, de Olegário Mariano; *Mundo Diabo e Carne*, de José Patrocínio Filho; *Mortalha*, Emílio Menezes; *O Laço Azul*.

1930 Em maio, escreve uma revista para o Teatro Recreio originariamente chamada *Pontas de Cigarro*. Ao ser apresentado ao dono do Teatro este exclamou: "mas esta peça é do outro mundo!" dando o nome da peça.

A 13 de junho estréia *É do Outro Mundo*.

Atores:

Araci Cortes, Mesquitinha, Palitos, J. Figueiredo, Olga Navarro, Edith Falcão, Luiza Fonseca, Augusto Gui-



marães e Paita Palos. Lely Morel Calma, bailarina e cantante de tango, Affonso Stuart, cômico.
Música de J. Cristóbal e Ary Barroso.
Cenários executados por Raul de Castro.
J. Carlos participou no cenário e figurino da peça.

Faz um samba que foi musicado por Ary Barroso, *Na grotta funda*. Depois a música teve letra de Lamartine Babo, chamando-se *No rancho fundo*.

Retorna à *Fon-fon* fazendo capas e desenhos interiores (até 1955).

Colabora em *Carioca*, *O Cruzeiro* (até 1934).

- 1931** Começa as capas a aquarela de *O Cruzeiro*.
Faz comentários gráficos semanais em *A Noite* substituindo Julião Machado.
Colabora na *Lanterna* de Costa Rego, em *A Nação* de Arthur Neira, em *A Hora* de André Carrozini e *Beira-Mar* de Théó Filho.
- 1931/36** Instala um escritório publicitário; entre seus clientes encontravam-se a Caixa Econômica Federal, a Companhia Cinematográfica Cinédia, a Casa Baby, a firma Indantrem etc.
- 1933** A 10 de setembro ganha o primeiro prêmio entre os concorrentes à decoração do *stand* da Aeronáutica Brasileira a instalar-se proximoamente na Feira de Amostras.
Faz a capa do número de aniversário da *Beira-Mar*.
É publicado seu livro *Minha Babá* na Biblioteca d'*O Tico-Tico*.
Ilustra *Brazil Reader*, de Idelfonso Albano, para a Livraria Francisco Alves.
- 1934** Substitui Julião Machado em *A Noite*.
Colabora no *Domingo Ri*, *charges* da primeira página.
- 1935** Retorna à *Careta* onde fica até a sua morte.
Depois de 1935 ilustra a *Cartilha para Mães*, do Dr. Martino da Rocha, para a Civilização Brasileira.
- 1938** Faz algumas ilustrações para o livro *Rio de Janeiro do meu tempo*, de Luiz Edmundo, Editora Conquista.

1941

Walt Disney visita o Brasil para a estréia do seu filme *Fantasia*. Tenta, sem êxito, levar J. Carlos para Hollywood, para trabalhar em seus estúdios. A respeito dessa visita conta Nássara, em depoimento de dezembro de 1983:

— “Fiquei no estúdio do J. Carlos e comecei a procurar, ele desenhava naquelas folhas de cartolina muito grandes, quando fui surpreendido por um negócio que eu gostei imensamente. Eram estudos de um papagaio, feitos para uma revista de humor, de vida efêmera, cujo título era *Papagaio*.

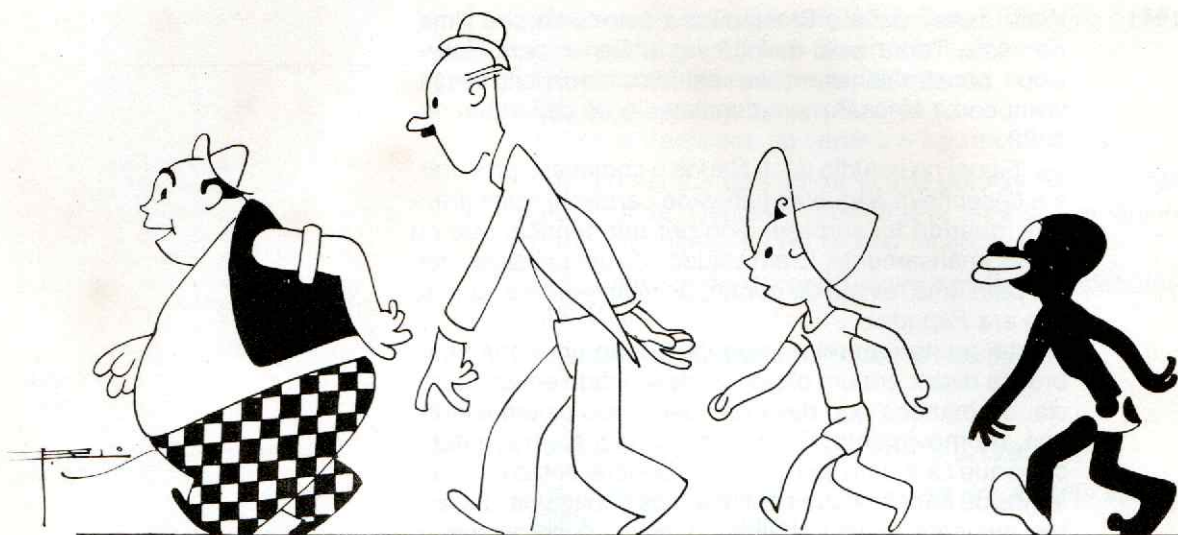
Gostei muito daqueles *croquis*. Tenho uma boa lembrança disso: era um papagaio desenhado em seqüência, de maneira que dava até idéia meio cinematográfica, de movimento. E desenhado naquele traço delicado que caracterizava J. Carlos. Separei então as duas folhas de cartolina que continham os papagaios. J. Carlos, que continuava trabalhando, não concordou com a seleção, explicando que eram apenas *croquis*. Ao que eu respondi: “Mas eu estou gostando muito”.

Esses originais, mesmo sem aquele apuro de arte-final, foram expostos junto com outros na mostra que organizamos na Escola de Belas Artes. Por ordem do doutor Assis Figueiredo, dediquei dois painéis grandes ao J. Carlos, que era a figura mais categorizada. E, se não me engano, o Walt Disney até tinha indicado que queria ver alguma coisa do J. Carlos.

No dia da abertura da exposição, dois fotógrafos da equipe do Disney começaram a fotografar aqueles painéis com caricaturas. Mas nesses painéis do J. Carlos, eu pude observar que eles demoraram mais, principalmente, nessas folhas onde estavam desenhados os papagaios.

Bom. Passa-se o tempo e aí vem o filme *Alô alô Brasil*, onde aparece o Zé Carioca como um papagaio. Então, pensando bem agora, cheguei à conclusão de que o papagaio do J. Carlos deve ter tido influência na criação do Zé Carioca. Não digo que Disney plagiasse, mas tenho quase certeza de que deve ter influenciado. O que não é difícil constatar é que o papagaio desenhado pelo J. Carlos, a meu ver, é de qualidade artística superior ao do Walt Disney. O Zé Carioca é caricaturado demais, com um guarda-chuva e um chapéu de palha, mais parecendo um homem do interior.

Em síntese, essa é uma dúvida que pode ser apurada. Tenho a impressão de que, se não foi plágio, foi assim... por osmose! O Disney gostou muito do desenho do J. Carlos e, em vez de fazer um peixe ou um tico-tico, fez um papagaio. De qualquer jeito, ele imortalizou de uma forma a meu ver errada. Porque o carioca não tem nada de papagaio, o que ele tem muito agora é de um desses animais que apanham muito, não é?” (10)



Em fevereiro, J. Carlos deixa de desenhar Jujuba, Lamparina, Goiabada e Carrapicho.

“Fi-los durante mais de vinte anos, mas hoje, um esforço tamanho, para quê?... Por quê?... A remuneração é tão insignificante. Quem é que pode concorrer com esses originais esteriotipados estrangeiros?” (11)

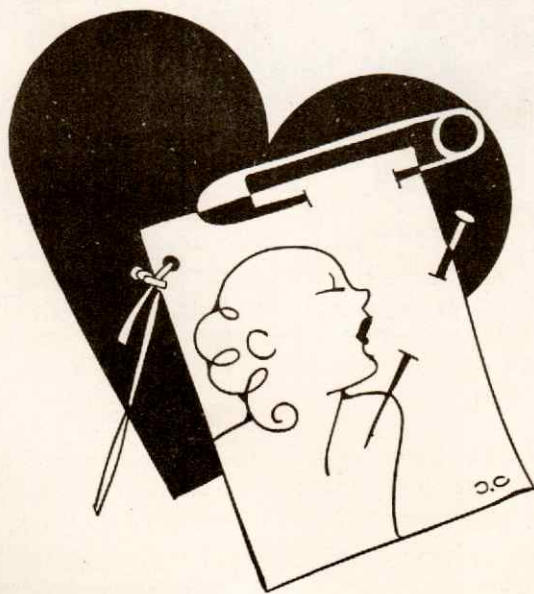
- 1942** Ilustra *Sérgio descobre um novo mundo*, de Paulo Gustavo, para a Livraria Francisco Alves.
- 1943** Ilustra o livro *Fascinação*.
- 1949** Desenha a decoração de rua do Carnaval, não realizada.
É publicado um álbum de duzentos trabalhos de J. Carlos, o melhor de sua produção desde 1913, com prefácio de Herman Lima; publicação do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde.
- 1950** A 29 de setembro, J. Carlos é vítima de uma hemorragia cerebral enquanto conversava com João de Barro sobre a capa para um álbum de música para crianças.
Às 11 horas do dia 2 de outubro, falece no Rio de Janeiro.

 EXPOSIÇÕES PÓSTUMAS

- 1950** A 10 de outubro sai a última capa da *Careta* de autoria de J. Carlos.
Em novembro, Salão Assírio do Teatro Municipal (retrospectiva).
- 1970** Temas de decoração de rua do Carnaval do Rio de Janeiro, inspirados na obra de J. Carlos.
- 1973** Em abril, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
- 1975** Em dezembro, 70 desenhos, Galeria Luiz Buarque de Hollanda e Paulo Bittencourt.
- 1979** Em fevereiro, Museu da Imagem e do Som (sobre o tema Carnaval).
- 1981** Em abril, Espaço Alternativo da Funarte.

 OBRAS NO:

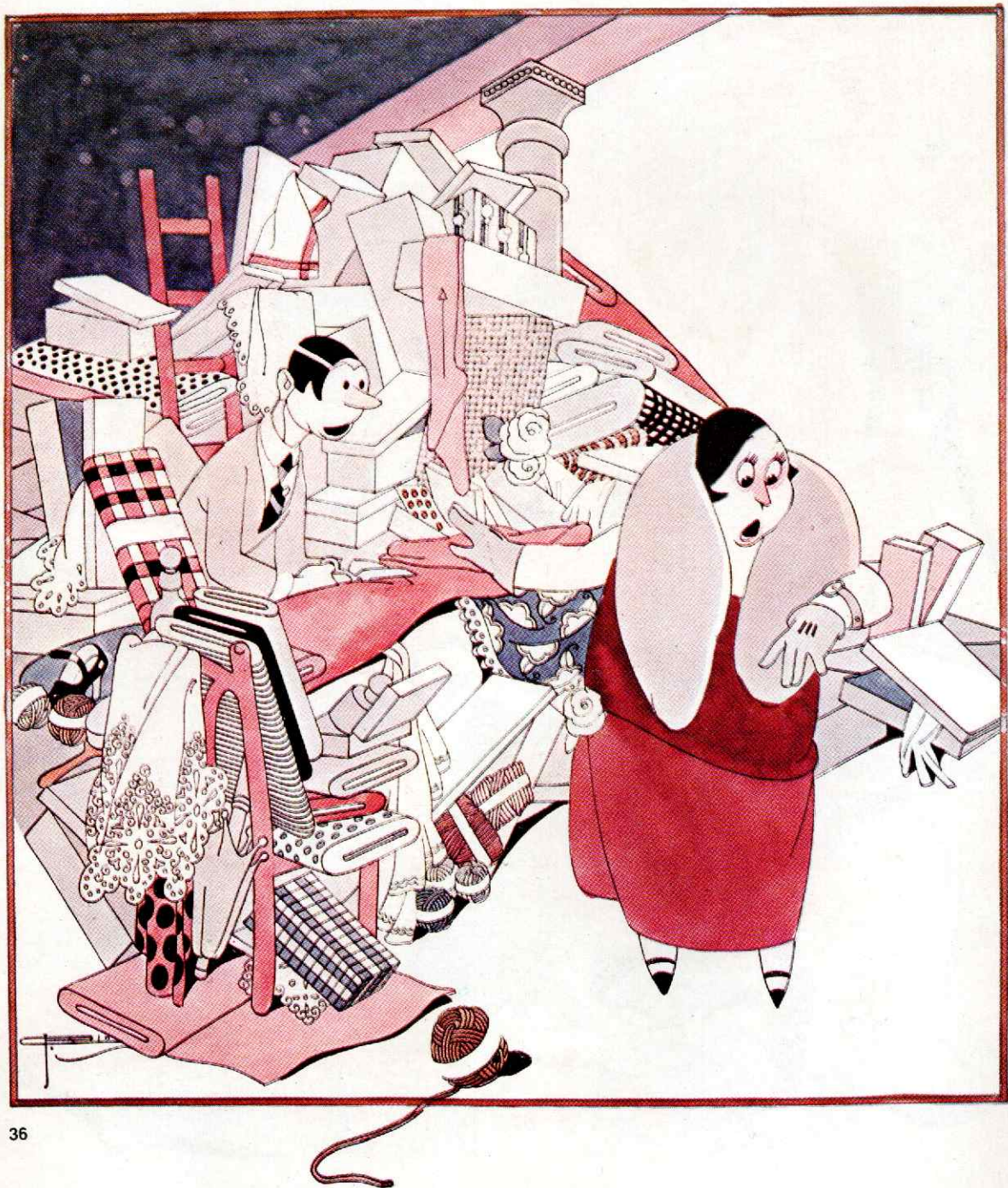
Museu da Caricatura — Basileia, Suíça.
Museu da República, Rio de Janeiro.
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



1. in *Revista da Semana*, ago. 1944.
2. *A Avenida* de Emílio Kamp aparece em 1903.
3. *O Malho* foi fundada no dia 20 de setembro de 1902 por Luis Bartolomeu de Souza e Silva — A partir de 1908 torna-se uma revista essencialmente política. Depois de 1922 passa a ser propriedade de Pimenta de Mello, dirigida por Álvaro Moreyra e J. Carlos, tornando-se uma revista mais mundana.
4. *O Tico-Tico*, alusão às escolas Tico-Tico, nome que designava os estabelecimentos de primeiras letras. Foi fundada a 11 de outubro de 1905, por sugestão de Renato de Castro a Luis Bartolomeu de Souza e Silva, então Diretor da empresa *O Malho*. Foi a primeira revista infantil brasileira de grande significação editorial (em 1906 alcançou uma tiragem de 30.000 exemplares). Antes existira o *Jornal da Infância*, fundado em fevereiro de 1898 e que chegou aos vinte números. *Tico-Tico* trabalhou sobre moldes americanos, sobretudo de Buster Brown, até 1958.
5. *Fon-Fon* era um nome onomatopaico que aludia ao barulho dos carros que invadiam a cidade.
6. *Careta* foi veículo dos parnasianos idealizada por Jorge Schmidt que havia lançado *Kosmos* em 1904 e *Fon-Fon* em 1907.
7. *Correio de São Paulo*, São Paulo, 12 dez. 1914.
8. *História para os meus filhos lerem e meditareem após a morte ter levado os meus despojos*, Rio de Janeiro, 1931.
9. Lima, Herman. *História da caricatura no Brasil*, p. 1096, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1963.
10. Depoimento de Nássara para Noriko Ohta. op. cit.
11. *Garoa*, fev. de 1941; sobre esse sentimento de J. Carlos, Mendez declarava ao *Jornal do Brasil* de 18 de dezembro de 1975:

“Era um homem bem-humorado que demonstrava certo pessimismo quando afirmava ser preferível vender elevador, a ser desenhista. Nunca acreditei nesse sentimento porque, afinal, seu desenho só uma pessoa de muito gosto, de muita vontade, com muito amor pela vida, poderia fazer”.





Cavacos do ofício

Ela — Chi 'seu' Magalhães! amanhã eu volto! Está na hora do dentista.





PARA TODOS...



ANNO IX - NUM. 429
5 Março 1927
PREÇO 1.000

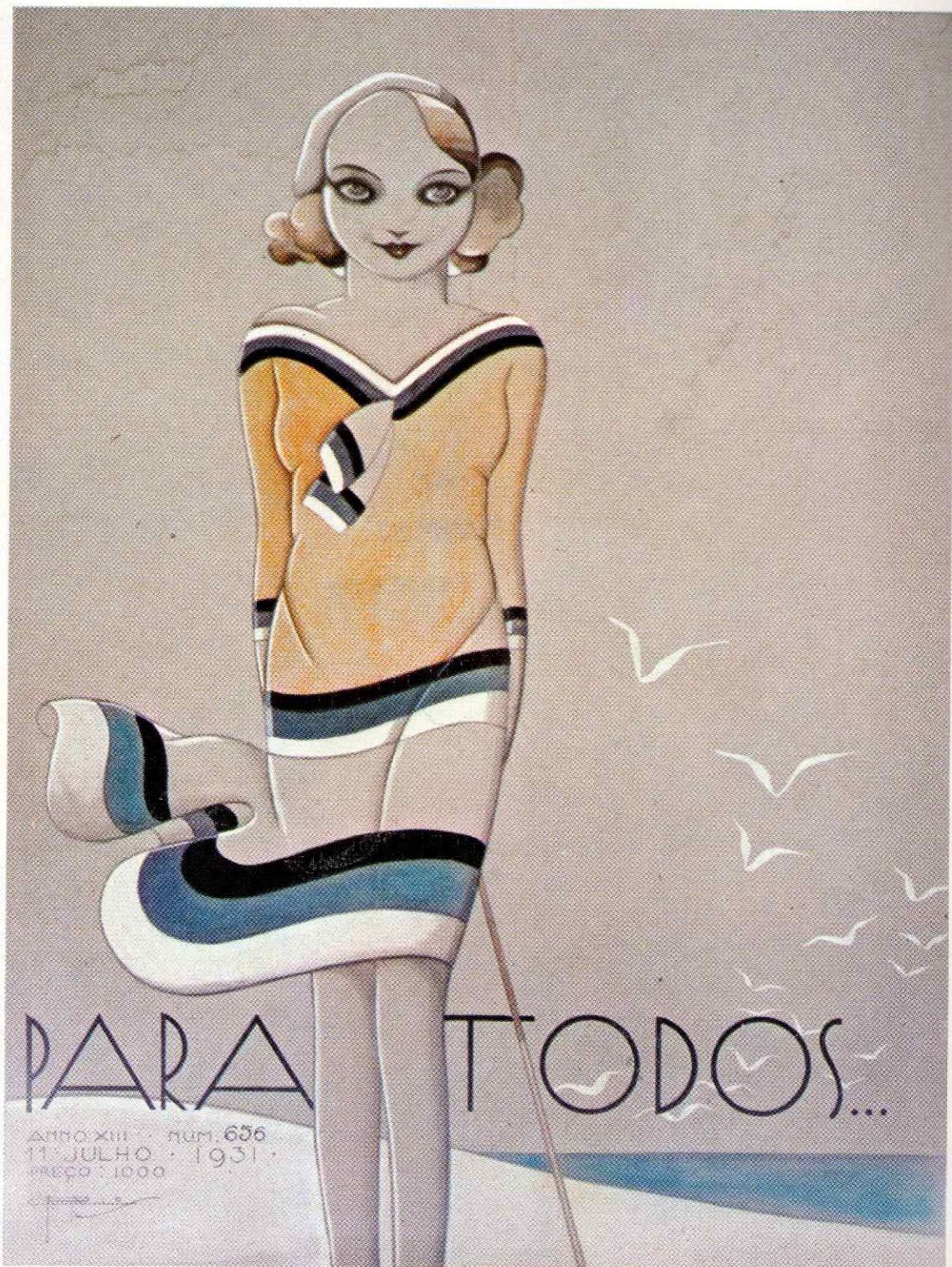


1926

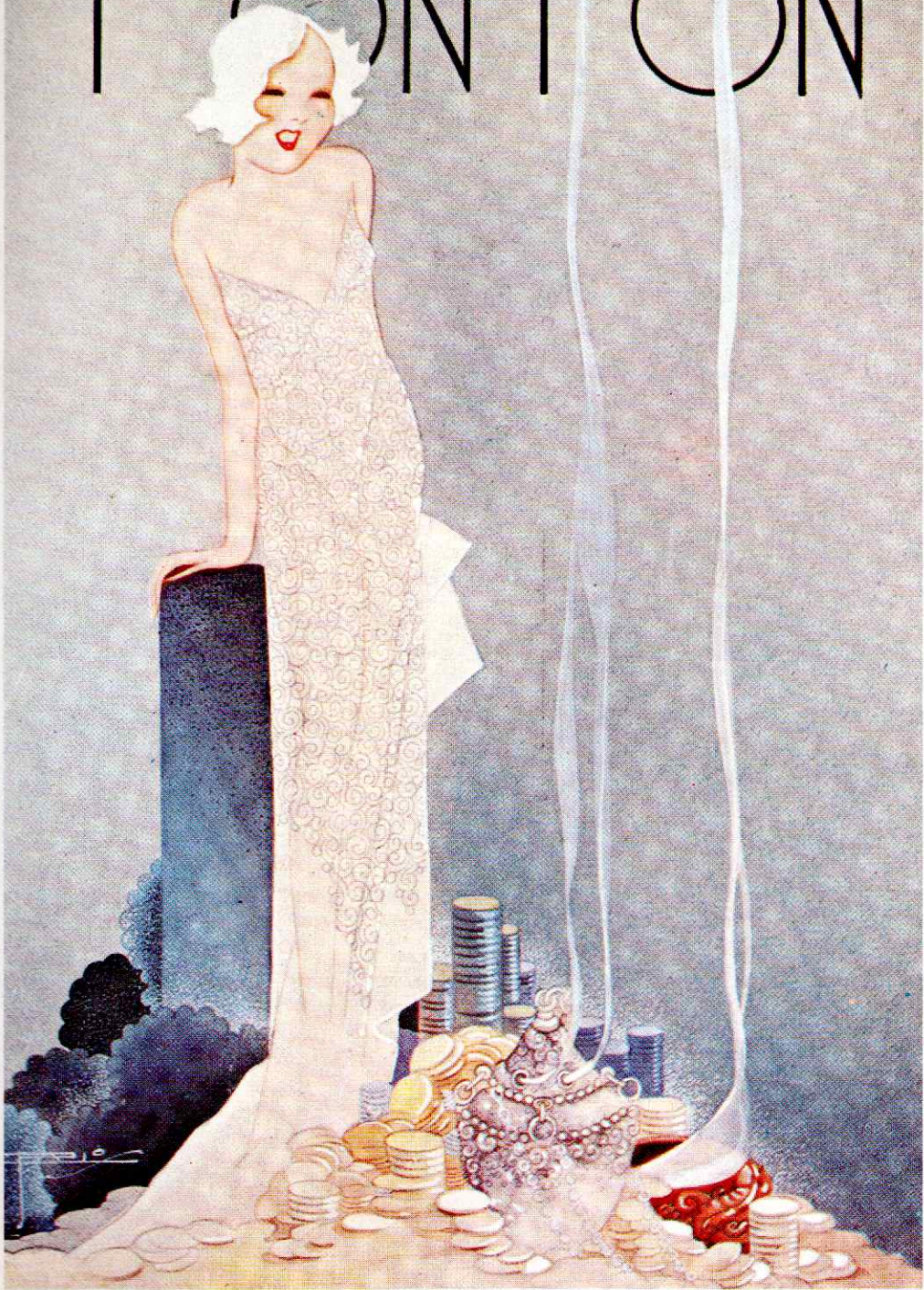




ANNO XI
NUM. 575
21 DEZEMBRO
1929
PREÇO 1 \$



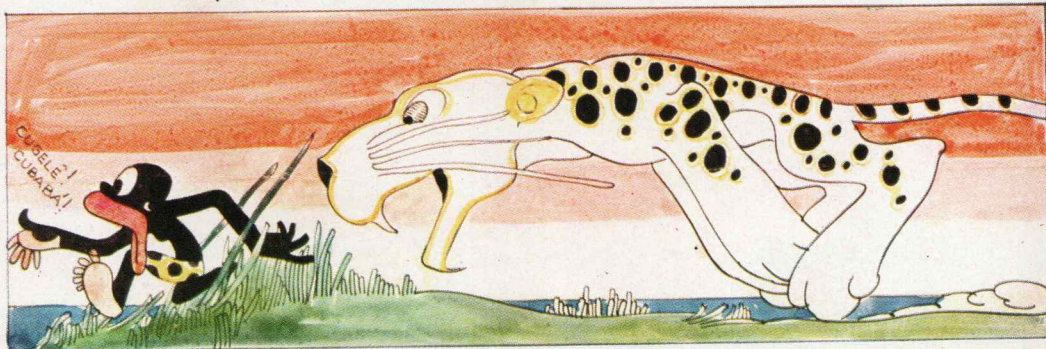
FON FON



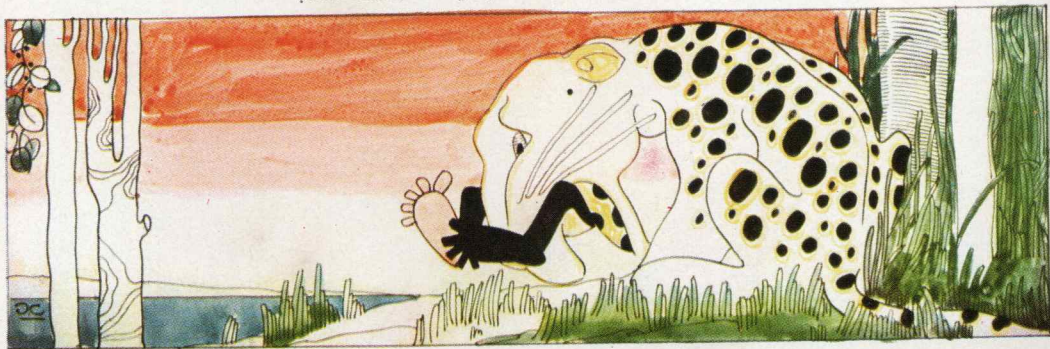
A Fuga da Lamparina



Lamparina fugiu, como vocês devem estar lembrados. Fugiu e penetrou no matto espesso, abandonando a casa hospitaleira de Carrapicho. Mas, o matto é a casa grande dos animais ferozes e appareceu um tigre.



Lamparina arrependeu-se e voltou, berrando, cheia de pavor. A fera, entretanto, deu alguns passos molles e partiu tambem num galope vertiginoso atraz de Lamparina.



o ruido da carreira do animal cessaram. O tigre comeu a Lamparina

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Todos os desenhos foram realizados sobre papel; as vinhetas não possuem fichas técnicas: foram feitas em guache sobre papel.

1. *Berta Singerman*
nanquim, 330×246 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Eduardo Augusto de Brito e
Cunha
2. *Autocaricatura*
nanquim, 200×365 mm
(a), s.d.
Para Todos... - 22.6.29
Col. Lucia Brito e Cunha
3. *Cenas da cidade*
nanquim e guache, 450×355 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
4. *Príncipe George*
nanquim e guache, 330×135 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Lourdes Brito e Cunha Leite
5. *Olavo Bilac*
nanquim e guache, 90×130 mm
assinado no centro, s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
6. *Rainha Vitória*
nanquim, 174×160 mm
assinado no ângulo inferior es-
querdo, s.d.
Para Todos... - 4.4. 31
Col. Eduardo Augusto Brito e Cunha
7. *Passagem proibida*
nanquim e guache, 350×310 mm
s. assinatura, s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
8. *História do abacaxi*
nanquim e guache, 345×333 mm
s. assinatura, s.d.
Col. Eduardo Brito e Cunha
9. *Mais páginas para a História (carica-
tura de Washington Luiz)*
nanquim e guache, 405×320 mm
s. assinatura, s.d.
Careta - 14.10.50
10. *Mesa redonda* (Getúlio Vargas em
primeiro plano; ao fundo Benedito
Valadares, de costas; também Otá-
vio Mangabeira, Adhemar de Bar-
ros, Francisco Campos, Antônio
Carlos)
nanquim e guache, 346×312 mm
s. assinatura, s.d.
Careta - 4.10.47
Col. Eduardo Augusto Brito e
Cunha
11. *O projétil foguete*
nanquim e guache, 310×300 mm
s. assinatura, s.d.
Careta - 1.4.50
Col. Eduardo Augusto Brito e
Cunha
12. *Conferência de Paz*
nanquim, 350×515 mm
Careta - 12.2.44
s. assinatura, s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
13. *Mussolini*
nanquim e guache, 325×325 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
14. *Praça da República-Praça 11 de
Junho*
guache e nanquim, 356×493 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
15. *Aquele poeta* (ilustração da obra de
Epaminondas Martins)
nanquim, 320×398 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
16. *Três promissórias*
nanquim e guache, 465×340 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Eduardo Augusto de Brito e
Cunha
17. nanquim e guache, 390×370 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Lucia Brito e Cunha
18. *Mentira cor-de-rosa*
nanquim, 450×355mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
19. *Parada de ônibus*
nanquim, 566×362 mm
assinado no ângulo inferior es-
querdo, s.d.
Col. Lucia Brito e Cunha
20. nanquim e guache, 440×340 mm
assinado no ângulo inferior direito
Col. Lucia Brito e Cunha
21. guache e nanquim, 380×310 mm
s. assinatura, s.d.
Para Todos... - 11.12.26
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
22. Desenho para decoração de rua
nanquim e guache, 392×283 mm
assinado no ângulo inferior es-
querdo, 1949
Col. Eduardo Augusto Brito e
Cunha
23. Ilustração para a obra de Hermes
Fontes
nanquim, 225×458 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
24. *No quinquagésimo-nono andar*
nanquim, 470×350 mm
assinado no ângulo inferior es-
querdo, s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
25. *Cinermania*
nanquim e guache, 440×360 mm
assinado no ângulo inferior es-
querdo, s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha
26. nanquim, 370×190 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Lucia Brito e Cunha
27. nanquim, 205×345 mm
assinado no ângulo inferior direito,
s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha

28. nanquim, 335×400 mm
assinado no ângulo inferior esquerdo, s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha

29. nanquim e guache, 290×283 mm
assinado no ângulo inferior direito, s.d.
Col. Eduardo Augusto Brito e Cunha

30. nanquim e guache, 284×595 mm
assinado no ângulo inferior direito, s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha

31. ilustração para o poema "Sambai" de Augusto Meyer
nanquim e guache, 410×360 mm
assinado no ângulo inferior direito, s.d.
Publicado na *Ilustração Brasileira*
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha

32. ilustração para a obra *Pororoça*
nanquim, 230×300 mm
assinado no ângulo inferior direito, s.d.
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha

33. auto-retrato
nanquim, 310×230 mm
s. assinatura, s.d.
Col. Eduardo Augusto Brito e Cunha

34. *Goiabada, Carrapicho, Jujuba e Lamparina*
nanquim, 130×185 mm
assinado no ângulo inferior esquerdo, s.d.
Col. Eduardo Augusto Brito e Cunha

35. *Mr. Parrot*
guache e nanquim, 385×340 mm
assinado no ângulo inferior direito, s.d.
Col. Lucia Brito Cunha

36. *Cavacos do ofício*
nanquim e guache, 345×318 mm
assinado no ângulo inferior esquerdo, s.d.
Para Todos... - 17.10.31
Col. Eduardo Augusto Brito e Cunha

37. nanquim e guache, 465×340 mm
s. assinatura, s.d.
Para Todos... - 25.1.30

É notável a forma como J. Carlos repete e alterna formas e cores, transformando-as e criando um ritmo rápido e mutante. Este desenho estimulante obriga o olhar a se fixar e também a correr para captar a totalidade da obra.

38. nanquim e guache, 430×320 mm
assinatura no ângulo inferior esquerdo, 1922
Revista da Semana - 1922
Col. Eduardo Augusto Brito e Cunha

39. *Quarta-feira de cinzas*
guache e nanquim, 465×330 mm
assinado embaixo, à esquerda
Para Todos... - 5.3.27
Col. Lourdes Brito e Cunha Leite

Como tantas outras vezes, J. Carlos se serve da diagonal para nos conduzir ao tema da composição. As linhas da cortina e da vassoura, que cortam o preto do fundo, levam a nossa atenção para os restos do Carnaval entre os quais está o pier-rô, eterno símbolo da *Art-déco*. Interessante notar o decote do vestido da colombina que deixa os seios de fora, solução que J. Carlos continuará a utilizar em maiôs e vestidos durante os anos 30 e 40.

40. guache e nanquim, 465×340 mm
assinado no ângulo inferior esquerdo, 1926
Para Todos... - 13.3.26
Col. Eduardo Augusto Brito e Cunha

41. nanquim e guache, 375×325 mm
assinado no ângulo inferior direito
Col. Luiz Carlos Brito e Cunha

42. guache e nanquim, 413×305 mm
assinado no ângulo inferior direito, 1929
Para Todos... 21.12.29
Col. Eduardo Augusto Brito e Cunha

Nesta capa encontramos resumidas as características *Art-déco* presentes em toda a produção dos anos 20/30 de J. Carlos. O perfil do homem, no ângulo superior esquerdo, cria uma diagonal que se repete nas letras que se superpõem à cena. O homem que adivinhamos impecavelmente vestido, num gesto de reverência, beija a mão elegante estendida pela figura feminina que aparece em primeiro plano. A mulher veste o típico vestido de cintura baixa onde as verticais aparecem enfatizadas pelas pregas que se contrapõem

com as horizontais das linhas da blusa e da cintura. Na blusa, o corte diagonal necessário cria um triângulo que se harmoniza com o da mão. Ao fundo o carro, símbolo da modernidade.

43. guache, 425×310 mm
assinado no ângulo inferior esquerdo, s.d.
Para Todos... - 11.7.31
Col. Eduardo Augusto Brito e Cunha

Perfeito exemplo do *sporting look* que começa no fim dos anos 20. Na década de 1930 tudo é mais dinâmico: velocidade, sol nascendo, mulheres de cabelos soltos, o corpo liberado que se deixa acariciar pelo vento. As mulheres experimentam uma nova forma de liberdade física, abreviando as saias, usando o jérsei que marca o corpo, deixando o decote e os braços nus.

44. guache, 400×270 mm
assinado no ângulo inferior esquerdo, s.d.
Fon-Fon
Col. Lucia Brito e Cunha

Nesta singela capa, onde predominam a sobriedade das formas e a elegância dos materiais, encontramos reminiscências do Oriente nos objetos. A mulher mostra a ênfase que, na década de 1930 — *The cocktail age* —, é dada aos vestidos de festa. Usava-se o cetim ou as gazes, as cores branco e marfim com sombras de cor pêssego ou verde Nilo. Os vestidos sem ombros, as costas nuas, o tecido caindo moldando o corpo.

45. *A fuga de Lamparina*
nanquim e guache, 405×320 mm
assinado no ângulo inferior esquerdo, s.d.
Almanaque do Tico-Tico - 24.10.28
Col. Eduardo Augusto Brito e Cunha

46. *Boato*
nanquim, 230×180 mm
Col. Luiz Carlos de Brito e Cunha

BIBLIOGRAFIA

Esta bibliografia (não exaustiva) adota a ordem cronológica e divide-se em jornais, revistas, livros, catálogos, monografias e filme. Foram utilizadas como fontes de pesquisa as seguintes coleções: família J. Carlos, Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa, Biblioteca Nacional, Biblioteca do Museu Nacional de Belas Artes e Gabinete Português de Leitura.

JORNAIS (do Rio de Janeiro, salvo indicação contrária)

1908

- MAIA, Santos. Fon-Fon e J. Carlos. *A Imprensa*, 1.º jan. 1908.
FON-FON, primeiro aniversário. *A Gazeta de Notícias*, 5 abr. 1908.
BARRETO, Paulo. *A Gazeta de Notícias*, 1.º mar. 1908.

1909

- VIANA, Joaquin. *A Notícia*, 3 jun. de 1909.
A NOTÍCIA, 12 jun. 1909.

1910

- FONTES, Hermes. *Diário de Notícias*, 10 jan. 1910.
A CÁRICATURA, função social. *O Imparcial*, 1910.

1911

- RIBEIRO, Martins. *Gazeta da Tarde*, 26 jan. 1911. A Nota Chic.
PACHECO, Felix. *Jornal do Comércio*, 8 dez. 1911. Edição da tarde.
A EXPOSIÇÃO humorística de J. Carlos. *Jornal de São Paulo*, 1911.
BRANT, Mário. O momento. *A Noite*, 15 dez. 1911.
AMADOR, Bruno. Exposição de J. Carlos. *Jornal do Brasil*, 9 dez. 1911.
PEDERNEIRAS, Raul. Exposição de caricatura. *Gazeta de Notícias*, 9 dez. 1911.
EXPOSIÇÃO Galeria Brasil. *Jornal do Comércio*, 17 dez. 1911.
PINHEIRO, M. *Gazeta da Tarde*, 8 dez. 1911. A Nota Chic.
MACHADO, Julião. *O Paiz*, 17 dez. 1911.
EXPOSIÇÃO J. Carlos. *Tribuna*, 11 dez. 1911.
J. CARLOS. *O Estado de São Paulo*, nov. 1911. Artes e Artistas.
J. CARLOS. *O Estado de São Paulo*, 9 dez. 1911.
EXPOSIÇÃO de caricaturas de J. Carlos. *O Imparcial*, dez. 1911.
A NOITE, 15 dez. 1911.

1913

- JORNAL DO COMÉRCIO, 8 set. 1913.

1914

- A CARICATURISTA Rian. *Alvorada*, São Paulo, 10 dez. 1914.
J. CARLOS. id., ib., 29 set. 1914.
J. CARLOS. *A Vida Moderna*, São Paulo, 10 dez. 1914.
EXPOSIÇÃO humorística (homenagem a São Paulo). *Gazeta*, São Paulo, 11 dez. 1914.

GAZETA, São Paulo, 11 dez. 1914. Artes e Artistas.
 DIÁRIO POPULAR, São Paulo, 11 dez. 1914.
 A EXPOSIÇÃO de J. Carlos vai constituir um grande sucesso artístico. *Correio de São Paulo*, São Paulo, 12 dez. 1914.
 EXPOSIÇÃO de desenhos. *Platéa*, São Paulo, 12 dez. 1914.
 EXPOSIÇÃO de caricaturas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 dez. 1914.
 EXPOSIÇÃO de J. Carlos. *Correio Paulistano*, São Paulo, 12 dez. 1914.
 J. CARLOS. *Diário Popular*, São Paulo, 14 dez. 1914.
 J. CARLOS. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1914.
 O CARICATURISTA J. Carlos em São Paulo. *O Século*, São Paulo, 17 dez. 1914.
 EXPOSIÇÃO J. Carlos. *O Pirralho*, dez. 1914.
 EXPOSIÇÃO de caricaturas em São Paulo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, dez. 1914.

1915

LOBATO, J. B. Monteiro. A caricatura no Brasil. *O Século*, 28 jan. 1915.

1917

DON QUIXOTE, 1.º ago. 1917.

1920

PEDERNEIRAS, Raul. A caricatura no Brasil. *Jornal do Brasil*, 15 maio 1920.

PENALVA, Gastão. A caricatura no Brasil, J. Carlos. *Jornal do Brasil*, 23 ago. 1920.

1922

IMPARCIAL, fev. 1922.

1926

ENTREVISTA. *O Jornal*, 5 set. 1926.

1928

O IMPARCIAL, 25 set. 1928.

A TARDE, 25 set. 1928. Livros Novos.

1930

DO OUTRO mundo..., J. Carlos revela-se escritor teatral. *A Notícia*, maio 1930.

ARACI vai reaparecer no Recreio, sua volta será com a revista de J. Carlos, *É do outro mundo...* *Letras e Artes*, maio 1930.

COSTALLAT, Benjamin. J. Carlos. *A Notícia*, jun. 1930.

1931

GILL, Rubem. A farandula passa..., Srt.ª Biscoito-Girl da "feérie" urbana, última criação de J. Carlos. *Diário da Noite*, dez. 1931.

1933

NATAL dos tempos futuros. *O Jornal*, 24 dez. 1933.

CASTRO, Nelson de. Caricaturista do corpo, retratista da alma. *O Globo*, 23 jan. 1933.

1934

O SONHO do Carnaval. *O Jornal*, 11 fev. 1934.

MARTINS, Luís. A pedra que rolou a montanha. *A Nação*, 14 mar. 1934.

1935

GAZETA DE NOTÍCIAS, 1935.

1936

CAMPOS, Humberto de. O rei dos calungas — J. Carlos. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 29 set. 1936.

1937

CASCUDO, Luís da Câmara. J. Carlos. *Diário de Pernambuco*, 7 nov. 1937.

1939

J. CARLOS de Brito e Cunha. *A Voz*, 5 nov. 1939.

1940

“DESAPARECEU a grande fonte de inspirações”. É o que diz J. Carlos, o consagrado caricaturista. *O Radical*, 27 fev. 1940.

1941

PACHECO, Armando. Existe caricatura moderna no Brasil? *Don Casmurro*, 16 ago. 1941.

1942

GILL, Rubem. O Seculo Boémio, VI semanario de letras. *Don Casmurro*, 28 nov. 1942.

1943

BARBOSA, Orestes. De quem é este boneco; variações de um reporter em disponibilidade. *A Notícia*, 16 set. 1943.

1944

CASCUDO, Luís da Câmara. J. Carlos. *A República*, Natal, 10 mar. 1944. Acta Diurna.

1945

CAMPOFIORITO, Quirino. J. Carlos. *Diário da Noite*, 3 jul. 1945. Artes Plásticas.

PICCHIA, Menotti del. J. Carlos, o caricaturista máximo; homenagem a J. Carlos e a sua inteligência. *A Noite*, São Paulo, 8 out. 1945.

ALGUMAS notas sobre a caricatura. *A Manhã*, 5 dez. 1945.

1948

PACHECO, Armando. “Senhores congressistas, não matem a Caricatura”; a palavra de J. Carlos, mestre e líder de sua arte no Brasil. *O Globo*, 26 jul. 1948.

J. CARLOS. *O Globo*, 1.º jan. 1948. Exclusivo para *O Globo*, *O Globo Juvenil* e *Gibi*.

MUDARAM os caricaturistas? Uma pergunta por dia, responde o conhecido caricaturista J. Carlos. *O Globo*, dez. 1948.

1949

UM ÁLBUM de J. Carlos. *Boletim ABD*, dez. 1949.

UM ÁLBUM de desenhos de J. Carlos. *O Globo*, 25 jul. 1949. Arte, Ciência e Cultura.

J. CARLOS, caricaturista do Rio e da vida moderna. *Diário Carioca*, 8 ago. 1949.

UM ÁLBUM de J. Carlos. *Boletim da Associação Brasileira de Desenho*, dez. 1949.

1950

ÚLTIMO e derradeiro. *Tribuna da Imprensa*, 30 mar. 1950.

REGO, Costa. As caricaturas de Rui Barbosa. *Correio da Manhã*, maio 1950.

LIMA, Herman. J. Carlos, caricaturista da vida moderna. *Diário de Notícias*, 7 maio 1950.

COBRE-SE de luto a arte brasileira. *O Globo*, 2 out. 1950.

J. CARLOS. *Diário de Notícias*, 3 out. 1950.

J. CARLOS, morreu ontem esse grande artista. *Correio da Manhã*, 3 out. 1950.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. Um mestre da caricatura. *Diário de Notícias*, 4 out. 1950.

BENTO, Antonio. J. Carlos. *Diário Carioca*, 4 out. 1950. Artes.

UMA GRANDE perda para a imprensa e para a arte brasileiras; o desaparecimento de J. Carlos. *A Noite*. 4 out. 1950.

REGO, José Lins do. J. Carlos. *O Jornal*, 4 out. 1950. Homens, Coisas e Letras.

C.K. J. Carlos. *A Noite*, 4 out. 1950.

SILVEIRA, Joel. J. Carlos. *Diário de Notícias*, 6 out. 1950.

CORREIO DA MANHÃ, 8 out. 1950. Aconteceu.

ATA da 1310.ª sessão democrática, Presidência do Sr. Urello Vianna, Vice-Presidente. *Diário do Congresso*, 8 out. 1950.

JOSÉ Carlos de Brito e Cunha. *Correio da Manhã*, 8 out. 1950.

J. CARLOS. *Jornal das Letras*, out. 1950.

J. CARLOS. *A Noite*, 17 out. 1950.

J. CARLOS. *Nação Brasileira*, out. 1950.

J. CARLOS, a exposição inaugurada no Rio. *O Globo*, 22 nov. 1950.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. Assisti de camarote. *Diário de Notícias*, 15 nov. 1950.

NA EXPOSIÇÃO de trabalhos J. Carlos. *A Noite*, 24 nov. 1950.

J. CARLOS, exposição. *Correio da Manhã*, 26 nov. 1950.

MARQUES, Sarah. J. Carlos, carioca alerta. *Diário Popular*, 30 nov. 1950.

SPECTATOR. Homenagem a J. Carlos. *Diário de Notícias*, 5 dez. 1950.

OURO PRETO, Maluh de. Exposição J. Carlos. *Tribuna da Imprensa*, 5 dez. 1950.

J. CARLOS. *Folha do Norte de Belém*, Pará, 15 dez. 1950.

J. CARLOS. *Gazeta de Notícias*, 22 dez. 1950.

AQUINO, Flávio de. J. Carlos. *Diário de Notícias*, 31 dez. 1950. Suplemento Literário.

1951

- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19 jun. 1951.
 A MANHÃ, 22 jun. 1951.
 CARMO, Mauro. J. Carlos, a obra e a excepcional personalidade do artista num livro de Herman Lima. *A Noite*, 22 jan. 1951.
 DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 22 jan. 1951.
 SÍRIO, Alejandro. J. Carlos, no louvor de grande artista continental. *Diário de Notícias*, 15 abr. 1951. Suplemento Literário.
 JUSTA homenagem. *Jornal do Brasil*, 17 jun. 1951.
 J. CARLOS. *A Tribuna*, 13 maio 1951.
 AMADO, Genolino. *Crônica da Cidade*, 25 maio 1951.
 CRÔNICA DA CIDADE, 18 jun. 1951.
 HOMENAGEM a J. Carlos. *A Noite*, 19 jun. 1951.
 C.K. A Rua Jota Carlos. *A Noite*, 19 jun. 1951. Letras e Artes.
 NEVES, Berilo. O artista. *A Noite*, 19 jun. 1951.
 J. CARLOS, um álbum sobre o notável caricaturista. *A Gazeta de São Paulo*, 23 jun. 1951.
 BORBA, Osório. O grande Jota. *Diário de Notícias*, 24 jun. 1951. Suplemento Literário, Letras e Artes.
 HOMENAGEM a J. Carlos. *Carioca*, 28 jun. 1951.
 JOTA Carlos, medalha comemorativa da Exposição do Salão Assírio. *A Noite*, 25 jul. 1951.
 J. CARLOS. *Jornal do Comércio*, 26 jul. 1951.
 AMORIM, Vicente. José Carlos de Brito e Cunha. *Tribuna de Petrópolis*, ano 46, 5 out. 1951.
 UM ÁLBUM sobre um notável caricaturista. *Gazeta Paulista*, São Paulo, 5 out. 1951.

1952

- O PRIMEIRO desenho de J. Carlos; há cinqüenta anos surgia o príncipe dos caricaturistas brasileiros. *A Noite*, 23 ago. 1952.

1958

- LIMA, Herman. Meio século de um jornal do riso e da sátira. *Jornal do Brasil*, 15 jul. 1958.
 RIBEIRO, Flexa. J. Carlos na Fonte da Saudade, no ciclo das Belas-Artes. *Folhetim do Jornal do Comércio*, 11 jun. 1961.
 EM LOUVOR de J. Carlos. *Jornal do Comércio*, 11 jun. 1961.
 LIMA, Herman. A criatura mundana do Rio. *Jornal do Comércio*, 25 jun. 1961.
 SOUZA, Rocha. No Rio, há cinqüenta anos. *Correio da Manhã*, 15 out. 1961.

1962

- NO RIO, há 50 anos. *Correio da Manhã*, 7 jan. 1962.

1963

- GOMES, Eugênio. A caricatura no Brasil. *Diário Carioca*, nov. 1963.
 MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Uma obra monumental. *Diário Carioca*, out. 1963.
 PONGETTI, Henrique. História da caricatura no Brasil. *O Globo*, 13 nov. 1963.

BARATA, Mário. História da caricatura no Brasil. *Jornal do Comércio*, 24 nov. 1963.

1965

CARICATURAS em Exposição mostrarão o Rio desde D. João VI, aos nossos dias. *O Globo*, 20 abr. 1965.

1966

C.D.A. Careta e J. Carlos, imagens no tempo. *Correio da Manhã*, nov. 1966.

1967

J. CARLOS, as cariocas são eternas. *Jornal do Brasil*, 24 ago. 1967. Caderno B.

1970

SARMENTO, Luiz Carlos. Nudez. *Correio da Manhã*, 7 jan. 1970.
RETRATO nostálgico do Rio antigo, as Confissões de Nelson Rodrigues. *O Globo*, 19 jan. 1970.

NASSER, David. J. Carlos na Avenida. *O Jornal*, 8 fev. 1970. Caderno de Educação e Cultura.

CARNAVAL. *Correio da Manhã*, 9 fev. 1970.

1972

CUNHA, Fausto. Vestir os nus. *Jornal do Brasil*, 23 out. 1972. Caderno B.

1973

QUADRINHOS: arte maior. *Correio da Manhã*, 25 fev. 1973.

J. CARLOS, sátira e humor no traço criador das melindrosas. *O Globo*, 5 abr. 1973.

NO MAM do Rio, o humor de J. Carlos. *O Globo*, 6 abr. 1973.

MORAIS, Frederico. *O Globo*, 31 maio 1973. Sociais.

O PROGRAMA. *Diário de Notícias*, 1.º jun. 1973.

1975

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 30 maio 1975.

BITTENCOURT, Francisco. As Exposições Artes Visuais. *Tribuna da Imprensa*, 29 set. 1975.

FRIAS, Lena. O Tico-Tico, uma revista que se ausentou, não morreu. *Jornal do Brasil*, 11 out. 1975.

J. CARLOS, o fazedor de bonecos. *Última Hora*, 6 nov. 1975.

J. CARLOS. *Ars Média*, *Publicação Semanal da Fundação Palácio das Artes*, 7 dez. 1975.

PONTUAL, Roberto. Desenhos de J. Carlos. *Jornal do Brasil*, 14 dez. 1975. Caderno B, Artes Plásticas.

A EXPOSIÇÃO. *O Globo*, 16 dez. 1975.

J. CARLOS de volta, atualíssimo. *Jornal do Brasil*, 18 dez. 1975.

MORAIS, Frederico. Saudável e estimulante. *O Globo*, 23 dez. 1975. Artes Plásticas.

1978

JORNAL DO BRASIL, 18 set. 1978.

SCHILD, Susana. Quando a censura se expande, a caricatura hiberna. *Jornal do Brasil*, 11 nov. 1978. Entrevista com Alvarus, Caderno B.

1979

J. CARLOS, o humor e o sarcasmo de um combatente. *Jornal do Brasil*, 4 abr. 1979. Caderno B.

GROPILLO, Ciléia. Em certos bares do Rio, mulher sozinha não entra. *Jornal do Brasil*, 27 ago. 1979. Caderno B, ilustração de J. Carlos.

O TICO-TICO. *Boletim ABI*, ano 29, out./nov. 1979.

1980

O GLOBO. 17 jan. 1980.

J. CARLOS 30 anos depois. *Jornal do Brasil*, 2 out. 1980.

1981

ALVARUS (pseud. de Álvaro Cotrim). Caricatura, uma arma contra os assaltos no Rio de um século. *Jornal do Brasil*, 18 jan. 1981.

O GLOBO, 17 fev. 1981.

O GLOBO, 26 fev. 1981.

MORAIS, Frederico. Carnaval, uma imagem do Brasil sem máscaras. *O Globo*, 26 fev. 1981.

MÁXIMO, João. Apaga-se uma estrela solitária no céu do Botafogo. *Jornal do Brasil*, 13 mar. 1981.

COUTINHO, Wilson. J. Carlos em exposição, o símbolo alegre de uma cidade. *Jornal do Brasil*, 5 abr. 1981.

MORAIS, Frederico. J. Carlos genial, a importância da forma. *O Globo*, 8 abr. 1981. Artes Plásticas.

ALVARUS (pseud. de Álvaro Cotrim). Centenário de uma vida vertiginosa. *Jornal do Brasil*, 25 jul. 1981.

1982

FERREIRA, Sonia Nolasco. A arte da caricatura. *O Globo*, 18 jan. 1982.

AOS 80 ANOS Jota Efegê lança livro sobre Carnaval. *O Globo*, 28 jan. 1982.

ALVARUS (pseud. de Álvaro Cotrim). Uma história na história da caricatura brasileira. *Jornal do Brasil*, 9 mar. 1982.

1983

JORNAL DO BRASIL, out. 1983.

1984

GROPILLO, Ciléia. Adolfo Aizen, 50 anos de história em quadri-nhos, (e uma vida dedicada às crianças). *Jornal do Brasil*, 3 abr. 1984.

SOUZA, Maria Eduarda Alves de. A homenagem de 16 humoristas ao seu colega J. Carlos. *Jornal do Brasil*, 29 abr. 1984.

MORAIS, Frederico. J. Carlos, criador das melindrosas, homenageado pelos humoristas, no Rio. *O Globo*, 2 maio 1984.

PINTO, Marcus Barros. J. Carlos, o avançado criador das melindrosas. *O Globo Ipanema*, 7 maio 1984.

 REVISTAS
1910

VOL-TAIRE, Leal de Souza. J. Carlos. *Careta*, 8 out. 1910. Almanaque de Glórias.

1911

J. CARLOS. *Careta*, 16 dez. 1911.

STORNI. Salve! *O Malho*, 16 dez. 1911.

1914

CARETA. jan. 1914. A Vida Elegante.

1930

NUNES, Mário. J. Carlos. *Para Todos...*, jan. 1930.

———. *É do outro mundo*, revista em 2 atos de J. Carlos. *Para Todos...*, jun. 1930.

HAROLD. De monóculo. *Para Todos...*, jun. 1930.

NUNES, Mário. Erijam as empresas o bom teatro em programa. *Para Todos...*, jun. 1930.

É do outro mundo. *O Malho*, 21 jun. 1930.

1931

JOÃO DO NORTE. Ouro, incenso e myrrha. *Fon-Fon*, 26 dez. 1931.

VICTOR, Leo. J. Carlos historiador. *Cigarra Magazine*, 1934.

1935

CARVALHO, Afonso de. A caricatura brasileira através das suas criações. *Revista da Semana*, 8 jun. 1935.

OCTA. A caricatura no Brasil — J. Carlos, mestre dos mestres. *Fru-Fru*, maio 1935.

1941

PINHEIRO, Oiválo. Morreram Jujuba, Lamparina e Goiabada. *Garoa*, fev. 1941.

1942

DIRETRIZES, 25 jun. 1942.

LIMA, Herman. J. Carlos, caricaturista da vida moderna. *Vitrina*, nov. 1942.

1944

M.M. (Santos). J. Carlos. *O Malho*, abr. 1944.

A CARICATURA está agonizando, declara J. Carlos. *Revista da Semana*, 26 ago. 1944.

GUERRA, Paulo de Salles. Penicilina para a caricatura, J. Carlos apreciado por Alvarus. *Revista da Semana*, 14 nov. 1944.

1949

LIMA, Herman. A carioca na arte de J. Carlos. *Rio Magazine*, nov. 1949.

1950

———. Este homem embalou a nossa infância. *O Malho*, jan. 1950.

———. J. Carlos, cronista da vida carioca. *Rio Magazine*, jul. 1950.

_____. Meio século de caricatura. *Revista do Globo*, 19 ago. 1950.

MORREU J. Carlos. *Careta*, 14 out. 1950.

ARCHANGEL, visconde d'. Um mestre no traço. *Paisagens*, nov. 1950.

UM SORRISO para todos... *Careta*, 4 nov. 1950.

M.M. J. Carlos. *Careta*, 11 nov. 1950.

RIO BRANCO, Miguel Paranhos do. J. Carlos. *Ilustração Brasileira*, nov. 1950.

1951

UM SORRISO para todos... *Careta*, 28 jul. 1951.

1965

LIMA, Herman. J. Carlos, o Rio e o seu cronista do lápis. *O Cruzeiro*, nov. 1965.

1970

_____. As melindrosas voltam à avenida. *Manchete*, 14 fev. 1970.

1980

RANGEL, Maria Lúcia. Arte alegre do traço. *Jornal do Brasil*, 22 jun. 1980. Revista de Domingo.

1981

AZEVEDO, Marinho de. As memórias do Brasil no traço de J. Carlos, humor da época. *Veja*, 8 abr. 1981.

1984

AQUINO, Flávio de. J. Carlos — um centenário a comemorar. *Fatos e Fotos*, 16 jan. 1984.

J. CARLOS, a homenagem dos artistas a um dos nossos principais caricaturistas. *Jornal do Brasil*, 6 maio 1984. Revista de Domingo.

PARA LEMBRAR um traço especial, homenagem do humor a J. Carlos. *Isto É*, 9 maio 1984.

LIVROS

LYNX, J.J., ed. *The pen is mightier*. London, Lindsay Drummond, 1946.

LIMA, Herman. *Rui e a caricatura*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1949.

_____. J. Carlos. In: LEAL, José Simeon, dir. *Artistas brasileiros*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde / Serviço de Documentação, 1950.

_____. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1963.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.

PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A incompreensão de uma época — Oswaldo Cruz e a caricatura*. São Paulo, Brasiliense, 1971.

- (Brasiliense Documenta; Moderatore et Autore, v. 6; Oswaldo Cruz Monumenta História, t. 1).
- HILLIER, Bevis. *Art-déco*. Suffolk, Studio Vista, 1972.
- BARDI, Pietro Maria. *História da arte brasileira*. São Paulo, Melhoramentos, 1975.
- BATTERSBY, Martin. *La mode Art-déco*. Paris, Flammarion, 1976.
- LESIEUTRE, Alain. *The spirit and splendour of Art-déco*. New Jersey, Castle Books, 1978.
- HISTÓRIA da tipografia no Brasil. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, 1979.
- LEITE, José Roberto Teixeira; KOSSOY, Boris; ALVARUS (pseud. de Álvaro Cotrim). Artes menores, caricatura e fotografia. In: ARTE do Brasil. São Paulo, Abril Cultural, 1979. v. 2.
- ARESTIZÁBAL, Irma. Rio Art-nouveau e Art-déco. In: GUIA para uma história urbana. Rio de Janeiro, Departamento Geral da Imprensa Oficial, 1981.
- LUCIE-SMITH, Edward. *The art of caricature*. New York, Cornell University Press, 1981.
- HERKENHOFF, Paulo. Caricatura, a modernidade da linha e do riso. In: TOLIPAN, Sérgio et alii. *Sete ensaios sobre o Modernismo*. Rio de Janeiro, Funarte, 1983.
- BARATA, Mário. Século XIX; início e transição do século XX. In: ZANINI, Walter, coord. *História geral da arte no Brasil*. São Paulo, Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

CATÁLOGOS

- J. CARLOS. Exposição retrospectiva. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1950.
- J. CARLOS. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, abr. 1953.
- CARNAVALESCA. Rio de Janeiro, Funarte, fev. 1982.
- O TRAÇO na história. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, nov. 1983.

MONOGRAFIAS

- VIEIRA, João Luiz & PEREIRA, Margareth Campos. *Espaços do sonho: cinema e arquitetura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1983. Pesquisa apresentada à Embrafilme no Projeto Cinema.
- OHTA, Noriko. *J. Carlos, a caricatura imortal*. Rio de Janeiro, 1984. Pertence ao Centro de Documentação da Funarte.
- LOPEZ, Nissim. *A obra de J. Carlos*. Rio de Janeiro, 1984. Pertence ao Centro de Documentação da Funarte.
- RENATA. *J. Carlos, malícia e humor na ponta do lápis*. Rio de Janeiro, 1984. Pertence ao Centro de Documentação da Funarte.

FILME

- LOPES, José Alberto. *J. Carlos, o senhor das melindrosas*. 1969. 16 mm.

Composição

Lidio Ferreira Júnior Ltda.
Rua dos Inválidos, 143

Fotolitos a cor

Fotolito Bene Ltda.
Rua Oito de Dezembro, 396

Fotolitos em preto e branco e impressão

Prisma Industrial Gráfica Ltda.
Rua Cáceres, 83



ERRATA

- pág. 04 Levantamento de jornais e revistas para cronologia
Andrea D'Orsi Alves.
- pág. 47 Falsfath em lugar de Falspath.
- pág. 48 1905 — Outubro — Inicia seu trabalho em o
Tico-Tico.
- pág. 52 1931 — Instala na rua 7 de setembro um escritório
publicitário.
- pág. 69 As vinhetas não possuem fichas técnicas: foram feitas
em nanquim sobre papel.
1. Berta Sigerman
s.d. (1928 C.)
- pág. 71 1910
FONTES, Hermes. Vôo maior, Diário de Notícias
- pág. 74 1950
MOTTA FILHO, Cândido. O Jornal, 7 out. 1950
FONSECA, Goudim da. Folha da Manhã, São Paulo,
13 out. 1950
- pág. 75 1951
COUTINHO, Afrânio. Diário de Notícias, 31 maio
1951
CELSONI, Maria Eugénia. Jornal do Brasil, 20 jun.
1951
1952
J. CARLOS. Diário da Noite, 31 jul. 1952
- pág. 76 1964
LIMA, H. — As cariocas são eternas
Jornal do Brasil, 24 ago. 1967
1975
COELHO, Regina. J. Carlos, o fazedor de bonecas.
Última Hora, 6 nov. 1975
- pág. 77 1984
NOVAES, Carlos Eduardo — Última Hora, 4 maio
1984
- pág. 79 1979
BIBE LUYTEN, Sonia Maria
Elementos Art Déco em histórias em quadrinhos:
um exemplo brasileiro.
Comunicações e artes. nº 8 — São Paulo